

Daiane Pires Pereira

**O Glorioso São Benedito:**  
Irmandade e Conferência em Feira de Santana  
(1900- 1930)

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2010

Daiane Pires Pereira

**O Glorioso São Benedito:**  
Irmandade e Conferência em Feira de Santana  
(1900-1930)

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2010

Daiane Pires Pereira

**O Glorioso São Benedito:**  
**Irmandade e Conferência em Feira de Santana**  
**(1900-1930)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca Examinadora da  
Universidade Estadual Feira de Santana,  
como exigência para obtenção do grau de  
Licenciada em História.

Orientador(a): Prof(a). Dr<sup>a</sup> Elizete da Silva.

Co-orientador(a): Prof(a). Dr<sup>a</sup> Lucilene Reginaldo.

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2010

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 20 de dezembro de 2010.

---

Prof.(a) Dr<sup>a</sup> Elizete da Silva  
UEFS

---

Prof. Mestre Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira  
UNEB

---

Prof.(a) Ione Celeste Jesus de Sousa  
UEFS

## Autorização

**Comentário:** A autorização de reprodução do trabalho fica a critério do aluno que poderá fazer constar no verso da Folha de Aprovação da Banca Examinadora a seguinte informação:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

**Assinatura:**\_\_\_\_\_ **Local e Data:**\_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

O texto que agora apresento é fruto de intensos trabalhos durante os dois anos e meio de pesquisa realizados no período graduação. O apoio obtido ao longo desse tempo foi extremamente importante para a concretização do mesmo, por isso quero aqui registrar os meus sinceros e simplórios agradecimentos.

A minha mãe Marineide e ao meu pai Joel por todos os esforços feitos, afim de que um dia eu pudesse chegar à Universidade sem o apoio sentimental e material destes jamais teria condições de estar onde estou hoje, visto que muitas vezes ambos se privaram de fazerem diversas coisas para si por causa de mim e da minha irmã Joelma. Sempre os agradecerei infinitamente por todo amor, dedicação e compreensão.

Agradeço também a minha orientadora Elizete da Silva, que se tornou insubstituível na minha vida acadêmica. Mesmo que encontre outros professores que sejam importantes na minha vida acadêmica, nenhum deles ocupará o espaço que a senhora conquistou no meu coração dentro dele sempre haverá lugar especial para a pessoa que me demonstrou o quanto é importante o ofício do historiador. Foi e é uma honra tê-la como minha primeira e inesquecível orientadora.

Agradeço a Lucilene Reginaldo, minha professora de Trabalho de Conclusão de Curso, pelas dicas na análise das fontes as quais enriqueceram ainda mais a monografia e pela atenção que me dedicou, serei sempre grata.

Ao meu namorado Marcos por estar ao meu lado nos meus momentos de tristeza e angustia, e que sei que foram muitos.

A Luciane, colega do grupo de pesquisa CPR, sempre paciente ao tirar algumas dúvidas minhas.

Agradeço também as minhas amigas Daiane Silva, Sheila e Aurilane por serem compreensivas comigo.

Agradeço a todos do Museu Casa do Sertão e do Arcebispado de Feira de Santana, pela paciência e educação com que me trataram.

Por fim agradeço a todos que não citei, mas que são tão importantes quanto aos que não foram mencionados e que também contribuíram para a produção desta monografia. Obrigada.

## RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar a importância das Confrarias de São Benedito: Irmandade do Glorioso São Benedito e Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo, ambas situadas na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios em Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX.

Assim como em todo o Brasil, as Confrarias de São Benedito, em Feira de Santana foram um espaço de resistência e sociabilidade de segmentos excluídos, uma vez que integrando uma delas os membros passavam a ter acesso a instrumentos que possibilitavam uma mobilidade social e reconhecimento numa sociedade pós-escravista, como a escolarização, os quais procuravam nesses espaços formas de driblar o preconceito, a discriminação e assim conseguir aceitação social.

Palavras-chaves: Feira de Santana; Sociabilidade; Confrarias



## ABSTRACT

The present study has the findings to analyze of the Brotherhoods of St. Benedict: The Brotherhood of the Glorious St. Benedict and St. Benedict's Glorious Conference of Society of Vincent de Paul, both located in the Church of *Nossa Senhora dos Remédios* in Feira de Santana in the first decades twentieth century.

As in all Brazil, the Brotherhoods of St. Benedict, in Feira de Santana was a space of resistance and sociability of people excluded, since one of them integrating the members started to get resources that enabled social mobility and a recognition post-slavery society, such as schooling, and thus sought ways to circumvent these spaces prejudice, discrimination and so achieve social acceptance.

Keywords: Feira de Santana; Sociability; Brotherhoods

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ESPAÇO FEIRENSE: nos primórdios do século XX.....</b>	<b>15</b>
1.1 Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX.....	15
1.2 Cenário religioso feirense.....	19
1.3 Confrarias feirenses nas primeiras décadas do século XX.....	23
<b>CAPÍTULO 2: O GLORIOSO SÃO BENEDITO: A Irmandade.....</b>	<b>27</b>
2.1 A devoção a São Benedito.....	27
2.2 A Irmandade de São Benedito.....	31
2.3 As festas com São Benedito.....	37
2.4 A morte e o dia de finados na Irmandade de São Benedito.....	40
<b>CAPÍTULO 3 – O GLORIOSO SÃO BENEDITO: A Conferência.....</b>	<b>44</b>
3.1 O Glorioso São Benedito: A Conferência da Sociedade de São Vicente de Paulo.....	44
3.2 Profissão e residência dos confrades da Conferência.....	49
3.3 Obras filantrópicas da Conferência.....	52
3.4 Escola Noturna da Sociedade de Vicente de Paulo.....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>

# INTRODUÇÃO

Os primeiros passos desta monografia tiveram origem no desejo desta pesquisadora em estudar algo contemplasse a população negra feirense e o catolicismo, tentando perceber como os negros conseguiam conviver com as doutrinas católicas, se as suas origens estavam nas religiões de matrizes africanas. Quando, recebi a indicação da minha orientadora, Professora Elizete, para ler *Feira de Santana*<sup>1</sup> escrito por Rollie Poppino onde o autor fazia referência a Irmandade de São Benedito afirmando que este era o santo das classes menos desfavorecidas. A partir, desse momento me entusiasmei pelo tema a fim de saber se a declaração tinha procedência, além também da relevância do estudo uma vez que não há nenhum trabalho específico sobre o tema na cidade.

A monografia se propõe a analisar as estratégias e apropriações utilizadas tanto pela Igreja Católica quanto pelas Confrarias de São Benedito em Feira de Santana buscando entender o significado da participação da coletividade na organização das confrarias, dando ênfase na atuação destas na sociedade feirense. Analisando dentro das Irmandades de São Benedito a sua estrutura, organização e composição social e representação dentro da sociedade.

Em uma das versões sobre a fundação da cidade feirense há o mito de origem católico, no qual o catolicismo era a religião predominante. Sendo assim era importante para a Igreja Católica preservar o status de majoritária, principalmente porque com a instituição da República a doutrina católica deixou de ser oficial, isso fez com que ela utilizasse de todos os recursos possíveis para conseguir manter essa hegemonia usando, como recurso para isso o processo de romanização<sup>2</sup>.

## Metodologia

### Referencial teórico:

Analizando a religião como fator relevante na cultura de uma determinada sociedade, adoto a perspectiva da História Cultural. Na análise utilizo o conceito de representação de Roger Chartier. Em *A História Cultural: entre práticas e*

---

<sup>1</sup> POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Salvador-Ba: Ed. Itapuã, 1968.

<sup>2</sup> Romanização também chamada de ultramontismo foi uma reforma estabelecida pelo Papa Pio IX com o objetivo de tornar as doutrinas católicas mais rígidas e separar o sagrado do profano.

*representações* discutindo que mesmo quando as representações são baseadas no racional há sempre interesses pessoais envolvidos nos discursos e atuações, constando assim a subjetividade de um grupo, principalmente, quando o assunto a ser estudado refere-se a irmandades negras, as quais reúnem a maioria dessas características.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, suas escolhas ou condutas...<sup>3</sup>

Uso também o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu, analisando a relação das Confrarias de São Benedito no espaço da sociedade feirense carregado de preconceitos contra segmentos afrodescendentes. Dessa forma, “a estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso...”<sup>4</sup>. Destacando as estratégias utilizadas pela Igreja Católica, através das irmandades, a fim de continuar sendo a doutrina predominante em Feira de Santana, frente ao protestantismo e o Espiritismo que estavam começando a crescer em todo o País numa constante disputa política e religiosa.

### **Fontes manuscritas:**

As principais fontes manuscritas que foram utilizadas na produção monográfica são: os Livros de atas da Conferência do Glorioso São Benedito Sociedade de Vicente de Paulo de 1903 a 1907, nos quais constam diversos detalhes da vida cotidiana da confraria. Estes documentos apontam para os direitos e deveres dos confrades, nomes das pessoas propostas a sócios(as), bem como as atribuições mais recorrentes à confraria e sua importância para a sociedade feirense do período.

Ata da Assembléia Geral da Irmandade do Glorioso São Benedito em 1903 que refere-se a assuntos relacionados a eleição do presidente da irmandade.

Caderno de memórias de E. A. F., manuscrito inédito da professora nascida em Feira de Santana, no início do século XX, e uma vez que não tenho autorização para

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2002, p.17.

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: perspectiva, 1974, p.17.

citar o nome da mesma o mantereí em sigilo utilizando apenas as siglas do nome. No diário foram registradas as mudanças ocorridas em Feira de Santana devido ao processo de modernização. Destacando ainda as missas realizadas na Igreja dos Remédios durante o dia dos finados, ressaltando a participação da Irmandade de São Benedito nas celebrações. Demonstrando a transição da Feira de Santana rural para a urbana.

O livro de matrícula dos alunos da Escola Noturna da Sociedade de Vicente de Paulo de 1914 a 1930 com dados dos nomes das pessoas que faziam parte das aulas da escola.

### **Fontes impressas:**

O Jornal Folha do Norte foi analisado nas suas primeiras décadas como sendo importante para verificar de que forma a Irmandade de São Benedito é representada no periódico e perante a sociedade local.

Os livros de memórias de Eurico Alves Boaventura, *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana e Fidalgos e vaqueiros*, nos quais o autor narrou com saudades a Feira de Santana de quando era criança, e como a cidade estava quando adulto. Boaventura fez diversas referências ao sucesso da Irmandade de São Benedito, por isso é importante para a monografia.

### **Revisão bibliográfica:**

A principal bibliografia consultada discute pontos que foram imprescindíveis na elaboração da pesquisa.

O livro de João Batista de Cerqueira<sup>5</sup> que na sua investigação sobre o Hospital da Santa Casa de Misericórdia possibilita a análise da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo a qual era atuante neste espaço.

A tese de Ione Celeste Jesus de Sousa<sup>6</sup> discute a noção de escolarização como, tendo em vista que nesse período estava se estimulando a população a ter acesso a educação, porque era uma das exigências do mercado de trabalho.

Para a estrutura e organização das irmandades foram utilizados vários autores, dentre eles: Caio Cesar Boshi<sup>7</sup>, que analisa as estrutura organizativa de confrarias, assim

---

<sup>5</sup> CERQUEIRA, João Batista. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana*: UEFS, 2007.

<sup>6</sup> SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Escolas do Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006.

como a dissertação Luciana Falcão Lessa<sup>8</sup>, que destinou um capítulo as formas de organização das irmandades.

Para demonstrar a transição da Feira de Santana rural para a urbana, utilizo a dissertação de Clóvis Frederico Ramaiana Morais Oliveira<sup>9</sup> e o trabalho de especialização de Aldo José Morais Silva<sup>10</sup>, os autores dois autores analisam as mudanças ocorridas no espaço feirense.

A dissertação de Tânia Maria de Jesus Pinto<sup>11</sup>, *Os Negros Cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia Colonial*, é um estudo relevante para compreender a trajetória dos santos negros católico, dentre eles São Benedito padroeiro das confrarias feirenses. A autora analisa a história dos santos negros desde o seu nascimento até a morte, destacando que os portugueses incentivavam o culto a estes santos porque sendo divindades negras seria mais fácil atrair os escravos ao catolicismo.

E a tese de Lucilene Reginaldo<sup>12</sup>, destacando que existiram duas formas para cristianização dos negros no Brasil durante o período colonial. Primeiro, por meio da catequização e o segundo pelas irmandades de cor. Além, de fazer uma análise sobre a popularidade do santo em questão, São Benedito, nas irmandades do período colonial e imperial.

A monografia esta dividida em três capítulos. O primeiro capítulo constituído do contexto da cidade de Feira de Santana, no início do século XX, em meio ao processo de mudanças estruturais na cidade e também com a chegada de novas doutrinas religiosas ameaçando assim a hegemonia da Igreja Católica feirense. Tendo dessa forma, que discutir as mudanças no campo religioso feirense visto que é útil pensar o porque da transferência da Irmandade de São Benedito que ficava localizada em São José das Itapororocas para uma outra área que estava se tornando o centro da cidade.

---

<sup>7</sup> BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder. (Irmandades dos leigos e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo: Ática, 1986.

<sup>8</sup> LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do Cajado: um estudo sobre a irmandade da Boa Morte em São Gonçalo dos Campos*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2005.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Morais. *De Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. (Dissertação de mestrado). Salvador- Bahia, UFBA, 2000.

<sup>10</sup> SILVA, Aldo José Morais. *Terra de Sã Natureza: A construção do ideal de cidade Saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. (Trabalho de especialização) Feira de Santana, 1997.

<sup>11</sup> PINTO, Tânia Maria de Jesus. *Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2000.

<sup>12</sup> REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Campinas, 2005.

O primeiro capítulo se compôs com uma introdução sobre o contexto histórico das Confrarias religiosas no Brasil buscando compreender o processo de reconstrução de identidades dos africanos no Brasil.

No segundo capítulo, analiso a devoção São Benedito na Bahia, discutindo o porque de ter se tornado um dos santos negros mais populares no Brasil e, principalmente, na Bahia.

Discuto a Irmandade de São Benedito, em Feira de Santana, analiso a sua estrutura interna, organização, número de membros, quais cargos compunham a confraria e as suas funções, a participação das mulheres, mapear as profissões dos membros, como estavam organizadas as relações de poder, classe social dos irmãos, a maneira que eram organizadas as festas do patrono e como eram realizados os rituais fúnebres.

O terceiro capítulo reservei para a Conferência do Glorioso São Benedito da sociedade de Vicente de Paulo, analisando quais os cargos da conferência, quais as funções, a participação e o papel das mulheres na confraria. A representação da Conferência dentro da sociedade feirense, a formação das crianças dentro dos princípios da Igreja Católica, uma vez que era constante o batismo de crianças pela confraria e os diversos apelos feitos aos irmãos para se manterem na fé católica. Investigar a composição social dos irmãos, profissões e classes sociais e analisar o papel da Escola Noturna de Primeiras de Vicente de Paulo para os membros da confraria e para a sociedade feirense de um modo geral.

# **CAPÍTULO 1 – ESPAÇO FEIRENSE: nos primórdios do século XX**

## **1.1 Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX**

A cidade de Feira de Santana no princípio do século XX, ainda tinha característica bastante campestre, bem diferente do que temos atualmente, e era predominantemente voltada para o comércio representado pela feira livre. Esse mercado de venda de mercadorias movimentava o cotidiano da maioria da população feirense. Após essas primeiras décadas do século XX, a cidade iniciou um processo de urbanização.

Além da concentração da população local, que vinha não apenas para compra de objetos mas também para oferecer seus produtos, chegavam à cidade muitos viajantes, principalmente, vaqueiros com as suas boiadas. Esse grande fluxo de cidadãos em Feira de Santana se deu pelo fato de ter uma localização geográfica estratégica fazendo com que se tornasse ponto de parada para muitas pessoas que de alguma maneira acabavam movimentando o centro comercial da cidade. “Sob impulso da intensa atividade comercial Feira de Santana desenvolve-se, crescendo rápida e seguramente, usufruindo de sua privilegiada posição geográfica.”<sup>1</sup>, opina Aldo Silva.

De acordo com Boaventura, a partir do momento em que Feira de Santana se estabeleceu enquanto uma cidade comercial passou a desbancar algumas cidades que já eram conhecidas devido as suas feiras locais. O destaque da importância do comércio fica evidente quando o memorialista enfatiza que não eram as boiadas consideradas de valor inferior que se dirigiam à cidade, mas sim as mais lustrosas e pomposas. “Cheias as malhadas de boiadas nédias e eradas, deu-se, de fazer a “feira dos gados” no povoado de Santana dos Olhos d’ Água, cortando o renome de feira de Capuame”<sup>2</sup>:

Nos dias de feira chegavam os tropeiros, os mascates, os grupos que conduziam as boiadas inclusive de outras províncias. À feira chegavam, também, um cem número de negociantes de gado e de demais artigos comércio, além de para ela confluírem os moradores de área rural do

---

<sup>1</sup> SILVA, Aldo José Morais. *Terra de São Natureza: A construção do ideal de cidade Saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. Trabalho de especialização. Feira de Santana: UEFS, 1997, p. 19.

<sup>2</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: Ed. UFBA, 1989. p. 101.



município, bem como das regiões próximas visando adquirirem os produtos de sua necessidade <sup>3</sup>.

A feira livre movimentava a cidade de tal forma que as segundas-feiras, dia no qual acontecia o mercado, os feirenses se concentravam nela com o objetivo de comprar e vender produtos. Até mesmo os membros da Conferência do Glorioso São Benedito de Feira de Santana, deixavam de cumprir alguns compromissos religiosos devido à obrigações profissionais como atesta a ata:

O presidente com palavras pezacozas, fez observar dos confrades presentes a falta cometida por esta conferência de não ter se apresentado um só de seus confrades, para a confissão no dia da Immaculada Conceição, porém considerando que estas confissões deveriam ser feitas segunda-feira dia este de ocupação geral para todos <sup>4</sup>.

A partir do documento citado pode-se constatar o quanto era importante o comércio feirense até mesmo para os confrades da Conferência do Glorioso São Benedito de São Vicente de Paulo, que tinham deveres com a Igreja Católica num dia de feira, além de observar que a maioria dos mesmos tinham trabalhos que dependiam e eram relacionados à área comercial ou não teriam sido perdoados pelo presidente da Conferência, Honorato Freitas.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, a sociedade feirense passou a enaltecer os serviços relacionados ao urbano em detrimento do que era rural, todo o passado referente à passagem das boiadas pela cidade, que era sinônimo de orgulho, agora, a classe dominante desejava que fossem deixados para trás por causa do progresso, no entanto não significava que toda a população da cidade recebia com satisfação as modificações. Conforme Oliveira:

Mas se o vaqueiro podia ser um símbolo de uma cidade de bases rurais certamente não o era de uma “urbe” que se queria civilizada. Desta forma, aquele que era um modelo de virilidade passa a ser um comportamento a ser perseguido pelos poderes públicos. Os boiadeiros começam a entrar na alça de mira dos discursos civilizadores, e se aquele primeiro edital queria apenas disciplinar a passagem das boiadas, logo surgiram outras medidas que

---

<sup>3</sup> SILVA, Aldo José MORAIS. Natureza São, civilidade e comércio em Feira de Santana. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA. 2000. p.20

<sup>4</sup> Ata da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. 13/12/1904, nº 23.

tinham como objetivo transformar as passagens das boiadas em atividades criminosas <sup>5</sup>.

A figura do vaqueiro que até então representava o imaginário do cotidiano feirense, de acordo com as autoridades da cidade, passava a depositar muita sujeira pelo centro, o que não ficava bem para a imagem ideal de uma cidade que queria se “civilizar” e estabelecer regras higiênicas.

Todo esse preconceito em relação ao vaqueiro poderia ser também em decorrência de alguns tumultos causados pelas boiadas no centro da cidade. O memorialista Lagedinho rememorou:

Quando um boi corria em direção a uma ponta- de -rua ou ao mato, sempre perseguido por vaqueiros profissionais e diletantes, tudo se transformava em brincadeira e diversão. Mas quando um boi tomava a direção do centro da cidade, certamente ia parar no meio da feira livre porque o caminho natural era a avenida Senhor dos Passos <sup>6</sup>.

Essas perturbações cotidianas provenientes da passagem do gado em Feira de Santana possibilitaram argumentos suficientes para que as autoridades locais não desejassem mais a passagem de animais nas principais vias da cidade.

Referências sobre o quanto era importante o espaço e as edificações de Feira de Santana para a população são recorrentes nos escritos dos memorialistas da cidade e o quanto estes viam no dito progresso considerado uma afronta a História da cidade. Segundo a memorialista E. A. F. :

O Progresso  
Quanta responsabilidade lhe cai sobre os ombros.  
- De uma feita- houve aqui um crime.  
Encontrando- me com uma “Autoridade” perguntei-lhe: fulano o que foi aquilo?  
- Ele me respondeu com a maior displicência: Você não sabe? São coisas do “Progresso”.  
Pensei comigo  
- A palavra Progresso tem certamente uma grande extensão.  
Progresso ao meu ver é – ascensão- crescimento. Como tudo deve ter normas e não “meter os pés pelas mãos” chegando até o ponto de matar, destruir e outras coisas mais <sup>7</sup>.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Morais. *De Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2000. p. 45.

<sup>6</sup> LAGEDINHO, Antonio do. *A Feira na década de 30 (memórias)*. Feira de Santana. (s. ed.), 2004. p. 19.

<sup>7</sup> Caderno de recordações de E. A. F. s/p 1976.

A partir do trecho acima é possível perceber o grau de insatisfação da professora E. A. F. sobre as mudanças que estavam ocorrendo em Feira de Santana. As diversas demolições que foram feitas na cidade, segundo muitos em favor do progresso, desrespeitavam muitas vezes a opinião da população. Progresso para as autoridades nesse período significava construir novos prédios, destruindo o que se tinha. As modificações ocorreram até mesmo no que se refere ao nome das ruas sendo que muitas passaram a ter o nome de pessoas ilustres da cidade.

Para a elite governante tudo que estivesse relacionado ao passado rural de Feira de Santana deveria ser esquecido porque a cidade estava passando pelo processo de civilização, dando a idéia de que anteriormente não o era, uma vez que nos novos padrões o moderno era o oposto ao dos hábitos do campo. As Confrarias de São Benedito e outras associações religiosas da cidade também viviam em meio a esse contexto de mudanças urbanas.

Boaventura também lamentava os estragos que foram feitos na cidade em favor de um progresso que considerava que o antigo deveria abrir espaço para o novo destruindo pontos históricos de Feira de Santana:

Mas a paisagem que se construiu fica. Que cheguem novos arquitetos, novos desenhistas, mas o mundo que se plasmou no coração, na época da meninice ou na clarinada pagã da adolescência, este não se reforma. É patrimônio da nossa saudade.

Não quero outro horizonte, não pretendo outras linhas que não as que encontrei, na meninice e na mocidade. E agradeço a Deus o presente que me deu. Obrigado, Senhor <sup>8</sup>.

Percebi um certo ar de repúdio por parte do memorialista em relação as modificações ocorridas no espaço feirense, mesmo que algumas autoridades tentassem velar o passado da sua cidade natal, todas as imagens do período vivido em Feira de Santana não se apagariam sendo este um patrimônio que não seria retirado das suas lembranças.

Quanto as formas de Eurico Alves Boaventura expressar suas recordações pessoais Oliveira analisa:

---

<sup>8</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Introdução, pesquisa, organização Maria Eugenia Alves Boaventura. Feira de Santana: UEFS, 2006. p. 24.

[...] é possível concluir que as mudanças nas formas de estruturar o ambiente urbano levam impactos sobre as pessoas, alterando-lhes as percepções e criando-lhes perspectivas diferenciadas. A instabilidade do novo e a possibilidade de outras modificações criam a sensação de estrangeiramento, de não mais estar no lugar de origem. Em espaços que experimentam choques sobre o subconsciente, novos ordenamentos de lugares alguns poetas fizeram intervenções no sentido de produzirem uma inteligibilidade sobre o que acontecia [...] <sup>9</sup>.

Essas recordações preservadas no subconsciente à respeito da infância e da adolescência no espaço e na sociedade feirense não são peculiares apenas à Boaventura, mas também de Antonio do Lajedinho e a professora E. A. F, certamente, faziam parte do imaginário de um certo segmento social de Feira de Santana.

A partir da análise das lembranças do memorialista feirense, Santos destaca que essas recordações são preservadas a fim de manter fatos significativos sobre a sociedade do seu período:

Em Feira de Santana uma disputa pela preservação da memória de seu passado se construía, consciente ou inconscientemente. Um momento chave para se colocar em pauta essa disputa era justamente o que representava um rompimento mais drástico com velhos traços e símbolos, ainda remanescentes [...] <sup>10</sup>.

## 1.2 Cenário religioso feirense

Feira de Santana, como a maioria das cidades brasileiras do início do século XX, era uma cidade majoritariamente católica, na qual a maioria dos eventos ligados ao cotidiano da população estava relacionado às datas festivas do calendário católico, tal como a Festa de Nossa Senhora Santana, sendo esta uma das festas mais importantes evidenciando assim o caráter católico da cidade “A Igreja Católica encontrava-se na região desde o início do século XVIII. Em 1846, tornou-se Sede Paroquial da freguesia

---

<sup>9</sup>OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana. *Ruas retas, lugares esquecidos: Eurico Alves e a urbanização de Feira de Santana (1920-1932)*. In: SILVA, Aldo José Morais (org.). *História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana: UEFS, 2010. p. 80.

<sup>10</sup> SANTOS, dos Reis Grazielle. *Lugares de Memória em Feira de Santana: notas sobre Eurico Alves*. In: SILVA, Aldo José Morais (org.). *História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana: UEFS, 2010 p.103.

de Feira de Santana, portanto, o campo religioso feirense era hegemônica e historicamente católico desde a fundação do arraial” <sup>11</sup>.

Desde o período colonial, a Igreja Católica representava a religião oficial do Brasil e conseqüentemente a predominante, no entanto, com a instituição da República este privilégio deixou de fazer parte das leis brasileiras. Teoricamente, qualquer cidadão brasileiro tinha livre arbítrio para professar a religião que desejasse, sem represálias e com liberdade religiosa.

Em Feira de Santana, as Confrarias de São Benedito tinham como uma das principais funções chamar a atenção dos membros em professarem somente a fé católica “ Art. 7-A mesa só poderá admitir como irmão que reunir os seguintes requisitos: a) professar a Religião Cathólica Apostólica Romana” <sup>12</sup>.

Como não poderia ser diferente do resto do País os protestantes também passaram pela Princesa do Sertão<sup>13</sup>. No fim do século XIX, missionários norte-americanos faziam pregações públicas visando a conversão de fiéis. “A Igreja Presbiteriana do Brasil só estabeleceu uma congregação em Feira de Santana na segunda metade do século passado, porém o esforço evangélico foi promovido desde o final do século XIX” <sup>14</sup>.

No período, a presença protestante em Feira de Santana ainda tinha um caráter de divulgação das doutrinas. Era feita por missionários norte-americanos, que chegavam às cidades brasileiras com o objetivo de realizar cultos para pequenos grupos de protestantes que viviam em uma sociedade predominantemente católica e, sobretudo, fazer proselitismo em busca de novos adeptos.

Um dos missionários protestantes que passou, e deixou registros em Feira de Santana, foi George W. Chamberlain. Seu objetivo foi promover as doutrinas presbiterianas mesmo não conseguindo erguer templos nesse primeiro momento de proselitismo.

As religiões de matrizes africanas também tiveram lugar no campo religioso feirense, no entanto eram vistas com muito preconceito pela população e pelas

---

<sup>11</sup> SILVA, Elizete da Silva. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira*. Trabalho de Professor pleno. Feira de Santana: UEFS, 2007. p.119.

<sup>12</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903.

<sup>13</sup> Denominação dada por Rui Barbosa para designar Feira de Santana.

<sup>14</sup> SILVA, Elizete da Silva. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira* (trabalho de Professor pleno). Feira de Santana. 2007, p.127.

autoridades religiosas que incentivavam essa discriminação. De acordo com o Código Penal Brasileiro de 1890, os cidadãos deste País poderiam professar qualquer religião que desejasse, no entanto, a intolerância religiosa era muito grande em relação à religiosidade de origem africana.

Antonio do Lajedinho em suas memórias apresentou vestígios do preconceito ao Candomblé em Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX:

Normalmente os terreiros ficavam longe do centro da Cidade quase sempre em roças onde vizinhos eram colegas ou admiradores. Mas, de vez em quando, um católico corria a contar ao Delegado e no dia seguinte a polícia ia lá e trazia o Pai de Santo e as filhas, todos com mesas cheias de imagens nas cabeças, atabaque, enfim tudo que encontrassem <sup>15</sup>.

Segundo Teles, as religiões de Matrizes africanas eram muito criticadas na sociedade feirense do início do século XX, e por isso sofriam bastante discriminação:

Em Feira de Santana, práticas de tradição afro brasileira, como o benzimento, o curandeirismo, macumbas e candomblés são perseguidos, condenados e punidos pela polícia. Vistos como “primitivos”, não correspondem ao ideal de cidade culta e civilizada que Feira de Santana representa para a elite local <sup>16</sup>.

De acordo com Senna<sup>17</sup>, o fato de Feira de Santana ser um grande entroncamento rodoviário propiciou que a cidade tivesse a presença de diversas religiões principalmente as religiões de matrizes africanas. Dando ênfase para o Candomblé católico, com rituais de origem afro, respaldados nas práticas de santos católicos.

As celebrações religiosas dos adeptos do Candomblé ocorriam, geralmente, em locais distantes dos centros urbanos com o intuito de não chamar atenção de pessoas que fossem contrárias aos seus cultos. São inúmeros os trabalhos científicos que tratam com discriminação os estudos feitos a partir dos hábitos e comportamentos da população

<sup>15</sup> LAGEDINHO. Antonio Do. *A Feira na década de 30*. (memórias) Feira de Santana: (s. ed), 2004, p. 95.

<sup>16</sup> TELES, Adriana Silva. *Presença negra na festa de Santana (1930-1950)*. Trabalho de monografia. Feira de Santana, 2000, p.58.

<sup>17</sup> SENNA, Ronaldo Salles. *Feira de Encantados. Uma panorâmica da presença afro- brasileira em Feira de Santana: Construções simbólicas e ressignificações*. Trabalho de pleno. UEFS, 2008.

negra recorrendo a diversas pesquisas utilizando estas como argumento para acusar a cultura e tradição negra afirmando ser selvagem e inferior. Um dos principais cientistas que contribuíram para a disseminação dessas idéias com conteúdos preconceituosos contra os negros e suas religiões foi Raimundo Nina Rodrigues:

Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Silvio Romero transforma-se em “objetos de ciência” (prefácio a Rodrigues, 1933/88). Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades <sup>18</sup>.

Segundo Josivaldo de Oliveira, os teóricos do racismo afirmavam que os negros tinham uma tendência natural à criminalidade:

Negros e mestiços teriam natural tendência ao crime tendo herdado a “criminalidade negra” de seus ancestrais. Para além do comportamento individual, as manifestações culturais oriundas dos ajuntamentos populares, se caracterizariam como escolas da criminalidade <sup>19</sup>.

As teorias racialistas afirmavam que a cultura, principalmente a religião, eram inferiores e incivilizados se alastram por todo o Brasil, chegando até Feira de Santana, quando a cidade estava com pretensões de se tornar civilizada:

Durante a República Velha, os processos e as investidas policiais foram rotineiros com a argumentação de “manter a ordem pública”, pois as festas e os cultos do Candomblé eram sempre vistos pela autoridade com desconfiança e suspeita de desordem, tal qual ocorria durante a vigência da escravidão <sup>20</sup>.

Os rituais de origem africana não faziam parte do que a elite feirense do período compreendia como rumo à modernização ou ao progresso, porque todas as práticas relacionadas aos negros representavam atraso e isso não fazia parte dos planos da classe dominante feirense das primeiras décadas do século XX.

<sup>18</sup> SCHARCTZ, Lilian M. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituição e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1985. p. 28.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)* dissertação de mestrado: UFBA. 2004, p.11.

<sup>20</sup> SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010, p.158.

O Espiritismo também teve espaço no campo religioso feirense, os registros do primeiro centro espírita da cidade foi na década de 30 “em Feira de Santana o primeiro Centro Espírita Paz dos Sofredores foi implantado por volta do ano de 1936” <sup>21</sup>. Mas é provável que mesmo sem os centros, os espíritas já estavam na cidade. “O Espiritismo fundado na França, pelo professor Danizard Hippolyte Leon Rivail mais tarde Allan Kardec, durante o século XIX chegou ao Brasil e a Bahia sem muito demora” <sup>22</sup>.

Portanto, mesmo sendo Feira de Santana predominantemente católica outras doutrinas religiosas também se faziam presentes.

### 1.3 Confrarias feirenses nas primeiras décadas do século XX

Para compreender as Confrarias feirenses, e principalmente as de São Benedito, em Feira de Santana é necessário analisar o contexto histórico do surgimento das associações religiosas no País e, preliminarmente compreender a conceituação do termo confrarias:

As confrarias são associações religiosas nas quais se reuniam os leigos no catolicismo tradicional. Há dois tipos de principais confrarias: as irmandades e as ordens terceiras. Tanto as irmandades quanto as ordens terceiras são de origem medieval. As primeiras constituem uma forma de sobrevivência das antigas corporações de artes e ofícios. As ordens terceiras são associações vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais, especificamente aos franciscanos, aos carmelitas e aos dominicanos <sup>23</sup>.

Marta Abreu afirmou que as associações religiosas podem ser divididas em irmandades e ordens terceiras, e que o diferencial está no fato das últimas serem ligadas a ordens religiosas:

Dentre as expressões mais típicas desse catolicismo destacaram-se as confrarias organizadas pelos leigos. Existiam as irmandades e as ordens terceiras, que se diferenciavam das primeiras por estarem subordinadas às ordens religiosas. Podiam reunir membros de diferentes origens sociais, estabelecendo solidariedades verticais, mas também servir como associações de classe, profissão, nacionalidade e “cor” <sup>24</sup>.

<sup>21</sup> SANTOS, Elane Ribeiro dos. *Espíritas e Batistas em Feira de Santana (1940-1980)*. Relatório Final PIBIC. 2010.p.19.

<sup>22</sup> Idem. p.14.

<sup>23</sup> HOORNARET, Eduardo. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes. 1977, p.234.

<sup>24</sup> ABREU, Marta. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira: São Paulo: Fapesb, 1999, p. 34



Caio César Boschi destaca as possíveis diferenças na conceituação das confrarias, utilizando de trechos retirados dos próprios documentos católicos para demonstrar que as distinções são pequenas ou quase inexistentes. “Embora o Código de Direito Canônico estabeleça algumas, ainda assim, a própria Cúria Romana, em seus documentos, não faz claras diferenças entre elas”<sup>25</sup>. O autor destaca que não é a terminologia que importa para definir diferenças entre ordens terceiras e irmandades, e sim a forma como estas se organizam que iriam ditar a sua denominação.

Em Feira de Santana, houve diversas associações religiosas podendo destacar dentre elas a Santa Casa de Misericórdia, Irmandade do Rosário e as Confrarias de São Benedito. De acordo com Silva “As Irmandades negras atravessaram o período escravista e sobreviveram no pós- abolição com suas principais características. Em Feira de Santana, essas confrarias persistiram a exemplo de São Vicente e de São Benedito”<sup>26</sup>.

Segundo Russel-wood, existe uma série de controvérsias quanto a data da primeira Santa Casa de Misericórdia da Bahia levando em consideração algumas pistas chegou a conclusão que:

Não pode haver dúvida quanto de que não existia a Misericórdia antes da chegada de Tomé de Souza em 29 de março de 1549. As atividades do donatário Francisco Pereira Coutinho se haviam restringido a alocar algumas sesmarias e a construir uma estacada à volta do acampamento. Após desembarcar, a primeira preocupação de Tomé de Souza fora escolher um lugar para nova cidade. Assim pode-se afirmar com segurança que a misericórdia da Bahia foi fundada entre abril de 1549 e agosto de 1552<sup>27</sup>.

A Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana de acordo com documentos analisados por Cerqueira<sup>28</sup> foi fundada em 19 de abril de 1860. Esta irmandade era composta basicamente por pessoas da elite feirense:

Funda-se a Santa Casa de Misericórdia. Conta também com a sua Irmandade. Reduto aristocrático dos nomes mais imponentes da região. O seu livro de registros de irmãos é como um armonial matuto. (...)

<sup>25</sup> BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder. (Irmandades dos leigos e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo: Ática, 1986. p.14.

<sup>26</sup> SILVA, Elizete da. “*O Campo Religioso Feirense: um olhar poético*” In: SILVA, Aldo José Morais (org.). *História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana: UEFS, 2010, p.133.

<sup>27</sup> RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: editora universidade de Brasília, 1981. P.65.

<sup>28</sup> CERQUEIRA, João Batista. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana*: UEFS, 2007.

Ser irmão da Santa Casa aqui também era título de escol, afirmação do alto nível social do eleito, garantido pelo seu balandrau preto <sup>29</sup>.

A agremiação possuía e possui o Hospital da Santa Casa de Misericórdia<sup>30</sup> que prestava auxílio médico à população carente. “Durante quase um século, a Santa Casa foi a única casa hospitalar gratuita de Feira, socorro para todos os casos, amparo para todos os doentes da região” <sup>31</sup>. A Santa Casa de Misericórdia tinha no Hospital uma das formas de representação dentro da sociedade feirense. “Sendo a Santa Casa uma entidade filantrópica sua clientela era constituída fundamentalmente por aqueles indivíduos despossuídos, cujo perfil social, sabemos permitia a associação à degradante doença” <sup>32</sup>.

Outra confraria que também atuou em Feira de Santana foi a do Rosário e de acordo com o Caderno de Recordações de E. A. F. foi organizada em 1915. Segundo Reginaldo, a primeira irmandade a Nossa Senhora do Rosário é por volta do século XVII “ a devoção à Nossa Senhora do Rosário entre os pretos cativos e forros na antiga Sé Catedral remonta ao século XVII” <sup>33</sup>.

Em 1915 já se tratava de organizar a Confraria de N. S. do Rosario. Os entendimentos foram feitos para Uberaba S. Paulo onde Casa Matriz da Confraria. Vieram as peças de cor de rosa as medalhas para as zeladoras e irmãs. Os terços para lembranças no dia da festa. No entanto só em 1919 foi instalada solenemente<sup>34</sup>.

A memorialista destacou que mesmo sendo a associação religiosa instalada legalmente em 1919, todo o processo para organização das irmãs na formação da confraria havia ocorrido anteriormente. Essa característica era muito comum entre as associações religiosas brasileiras que primeiro se organizavam para depois tornarem-se oficiais.

<sup>29</sup>BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: UFBA. 1989.p.393.

<sup>30</sup> Atual Hospital Dom Pedro de Alcântara.

<sup>31</sup> LAGEDINHO, Antonio do. *A Feira na década de 30*. (memórias) Feira de Santana: (s. Ed.) ,2004, p.138.

<sup>32</sup> SILVA, Aldo José Morais. *Terra de São Natureza: A construção do ideal de cidade Saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. (Trabalho de especialização) Feira de Santana, 1997.p. 40.

<sup>33</sup> REGINALDO, LUCILENE. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Campinas, 2005, p. 76.

<sup>34</sup> Caderno de Recordações E. A. F. s/p 1976.

A Confraria do Rosário também promovia festas e participava das procissões com bastante opulência. Num primeiro momento era apenas patrocinada pelas associadas, e depois passou a ser financiada pelo Internato de Nossa Senhora do Rosário, momento enfatizado pela memorialista que sendo esta supervisionada por uma autoridade eclesiástica não deixaria a desejar na beleza:

Em 1927 no entanto tendo sido fundado aqui, o Internato de Nossa Senhora do Rosário a festa passou a ser patrocinada por ele.

Era de fato com muita solenidade que esta festa era feita. A missa a procissão tinham uma organização muito boa. Todo o internato com alunos e ex-alunos comparecia. O Reverendíssimo Padre Mario Pessoa era Orientador do Colegio de forma que nada ficava a desejar <sup>35</sup>.

E. A. F. registra com pesar o processo de decadência da Confraria de Nossa Senhora do Rosário que se iniciou, principalmente, em virtude da morte das suas principais irmãs “de 1932 para cá tudo foi mudando e hoje parece que nada mais existe da Confraria. Os seus membros mais evidentes já não existem. E assim esta aos poucos tudo terminando” <sup>36</sup>.

Após a apresentação de algumas confrarias feirenses enfocarei a partir desse momento a Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo.

---

<sup>35</sup> Caderno de recordações E. A. F. s/p 1976.

<sup>36</sup> Caderno de recordações E. A. F. s/p 1976.

## CAPÍTULO 2: O GLORIOSO SÃO BENEDITO: A Irmandade

### 2.1 A devoção a São Benedito

As Irmandades de São Benedito chegaram ao Brasil através dos portugueses, durante o período colonial, se expandido no Império e permanecendo na República, enquanto espaço de luta e resistência. Em Feira de Santana, as Confrarias do Glorioso São Benedito se fez presente desde o fim do século XIX.

O santo cultuado pela Irmandade era São Benedito, santo negro da Ordem dos franciscanos, nasceu na Europa no século XVI. “Benedito, apelidado o Mouro, o Prêto, de São Filadelfo, ou de *San Fratello*, nasceu na Sicília, de pais deveras piedosos. Natural da aldeia de São Filadelfo, na arquidiocese de Messina, era filho de escravos.”<sup>50</sup>.

Padre Rohrbacher evidenciou em seu livro o discurso da Igreja Católica em tentar promover a igualdade, afirmando que a cor do padroeiro não importava para a escolha do santo.

Preto ou não, pouca importa a côr do nosso santo, uma vez que à igreja não interessa a côr do indivíduo, mas a alma. A côr não passa dum acidente, simplesmente, que à alma não afeta. Tanto é pura a alma dum branco como a dum negro.

São Benedito era escuro - assim, através dos tempos vem nos transmitindo a iconografia<sup>51</sup>.

A partir do trecho acima é possível notar subliminarmente o preconceito do padre, quando insinua no seu discurso que a cor de São Benedito não passa de um acidente, e que não teria interferência porque o tom da pele não tinha relevância para os devotos. A aparência da epiderme do santo era sim essencial e importava numa sociedade escravista, principalmente, no período colonial e imperial.

---

<sup>50</sup> ROHRBACHER, Padre. *Vidas dos santos*. Vol. VI, São Paulo. Editora Américas, 1959, p. 89.

<sup>51</sup> Idem, p. 92

Ao utilizar ícones que tinham cor de pele semelhantes as dos negros, a elite incentivou o culto aos santos com epiderme escura para que os cativos se identificassem ao cultuar seus patronos. Tania Pinto opina que “o uso da imagem como instrumento para conversão dos negros no Brasil colonial apoiou-se nesta tradição cristã ocidental, já utilizada para atingir inúmeros outros povos “pagãos” e atraí-los a fé católica” <sup>52</sup>. Essa forma de identificação permaneceu também durante o Império e a República.

Segundo Reginaldo, São Benedito foi considerado um dos santos mais populares entre os negros no Brasil colonial.

São Benedito foi a segunda invocação preferida dos pretos cativos e forros na Bahia colonial, sobrepujado apenas pela incontestável Senhora do Rosário. A irmandade de São Benedito do Convento de em Salvador foi uma das confrarias mais destacadas na cidade colonial <sup>53</sup>.

Além de São Benedito outros santos negros como São Elesbão, Santa Ifigênia, Rei Baltazar e Santo Antonio de Categeró foram estimulados para serem patronos de diversas irmandades negras no Brasil durante séculos.

O ideal de gentilidade acessível à fé cristã foi representado, na colônia, no culto aos santos negros, quer pertencessem a linhagens reais africanas- como S. Elesbão e Santa Ifigênia -, ou lendárias como Rei Baltazar -, ou fossem escravos como S. Benedito e Santo Antonio de Categeró <sup>54</sup>.

A beatificação desses homens e mulheres como santos da Igreja Católica foi mais um dos instrumentos usados para demonstrar aos escravos de que os negros também eram passíveis de receberem a graça divina e igualmente com os seguidores do catolicismo alcançarem o reino dos céus. “O culto a tais santos projeta a idéia de que a despeito da condição escrava dos negros trazidos para o Brasil, estes eram igualmente sujeitos da evangelização e salvação proporcionada pela religião cristã” <sup>55</sup>. Tentavam converter ao catolicismo levando assim, muitas vezes a desqualificação das religiões de matrizes africanas.

---

<sup>52</sup> PINTO, Tânia Maria de Jesus. *Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2000, p. 45

<sup>53</sup> REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Campinas, 2005. p.77.

<sup>54</sup> PINTO, Tânia Maria de Jesus. *Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2000, p. 50.

<sup>55</sup> Idem. p. 61.

Mas, os escravizados não eram tão submissos assim aos senhores, visto que quando faziam as festas destinadas aos santos católicos também as faziam para as divindades negras. Conforme Antonil:

Negar-lhe totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do cativo, é querê-los desconsolados, e melancólicos, de pouca vida, e saúde. Portanto não lhes estranhe os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se honestamente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de N. S. do Rosário, de São Benedito...<sup>56</sup>

De acordo com o Termo de Compromisso, documento que regulamentava e organizava a fundação das irmandades perante a Igreja Católica, a Irmandade do Glorioso São Benedito fundada, primeiramente, na Capela de São José das Itapororocas<sup>57</sup>, na região rural da cidade, sendo posteriormente transferida para a Capela de Nossa Senhora dos Remédios na área urbana de Feira de Santana conforme o documento:

[...] este Compromisso, confeccionado de acordo com as leis canônicas em vigor, para por elle reger-se a Irmandade do Glorioso São Benedito, quando ainda era filial da freguesia de São José das Itapororocas. O correr dos annos tornou-se Inexequível o antigo Compromisso; o que deu lugar a cair a referida Irmandade em compromisso <sup>58</sup>.

Quando os Termos de Compromisso não se adequavam mais aos atos das irmandades era comum que houvesse modificações ou anulações a fim de adequá-los às novas exigências das confrarias. Como ocorreu com a Irmandade de São Benedito, com a aprovação do novo compromisso, no início do século XX em Feira de Santana:

Pela presente havemos por bem approvar o presente compromisso da Irmandade de São Benedicto erecta na Capella de N. S. dos Remédios da cidade de Feira de Sant' Ana neste Arcebispado; pelo que mandamos que se observe tudo quanto nelle se contém. Dada e passada nesta cidade de S. Salvador da Bahia aos 29 de agosto de 1903 <sup>59</sup>.

<sup>56</sup> ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Salvador: Editora Progresso, 1955, p.54

<sup>57</sup> A região de São José das Itapororocas, onde ficava localizada a capela, atualmente é o Distrito de Maria Quitéria.

<sup>58</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903, p. 14

<sup>59</sup> Idem, p. 16.

A partir da análise do Termo de Compromisso foi possível evidenciar que a Irmandade de São Benedito sofria grande influência do Catolicismo Romanizado, também conhecido como catolicismo ultramontano, quando a centralização do poder estava representada nas mãos dos eclesiásticos, sendo mais rígido que o Catolicismo Tradicional:

As irmandades tiveram seu apogeu na colônia e ainda se destacavam no período imperial. Porém na segunda metade do século XIX e sob influência do catolicismo, este tipo de associação será marginalizado e, aos poucos substituído por outras formas de organizações, mais coerentes com os princípios do catolicismo ultramontano <sup>60</sup>.

As bases para o Catolicismo Ultramontano foram instituídas pelo Papa Pio IX com o propósito de tornar as doutrinas religiosas mais rígidas:

No final do século XIX, a política de “romanização” empreendida pelo Vaticano levou o poder eclesiástico a recuperar o controle total sobre a direção das irmandades, tornando- as ordens terceiras e voltando a algo semelhante ao autoritarismo jesuítico das congregações marianas inicialmente fundadas entre nós <sup>61</sup>.

Portanto, com o estabelecimento do Catolicismo romanizado pelo Vaticano os atos de algumas irmandades passaram a ser monitorados pelas autoridades eclesiásticas.

As devoções romanizadas trazem portanto uma nova representação dos santos. Eles continuam sendo os poderosos aliados celestiais de seus votos, como no catolicismo popular, mas além disso eles são também modelos de virtude serem imitados pelos devotos. De modo que, à medida em que essas devoções vão sendo propagadas, infunde-se também entre os fiéis a ética católica nela imbutida<sup>62</sup>.

A ética católica que Oliveira se refere é um ideal de bondade e fraternidade, que na maioria das vezes faz parte da história da vida do santo escolhido para devoção, e que foi utilizada pela Igreja Católica como estratégia para manter os fiéis sob controle. Esse desejo de

<sup>60</sup> QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência*. São Paulo (1870-1890). São Paulo: Annablume, 2002, p.26.

<sup>61</sup> SILVEIRA, Renato. *Formas de Crer. “sobre o exclusivismo e outros ismos das irmandades negras na Bahia Colonial”*. In: BELLINI, Ligia. SOUZA, Everton Sales. SAMPAIO, Gabriela dos Reis (orgs.). Edufba: Corrupio, 2006, p.184.

<sup>62</sup> OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura, e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Rio de Janeiro, vozes, 1985, p. 310.

obediência aos valores católicos também foram um dos princípios encontrados no Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito em Feira de Santana. Foi possível verificar que as referências feitas à São Benedito, pela Irmandade feirense, não o intitula como qualquer santo de devoção, mas ao glorioso aquele a quem se deve exaltar e dar glórias:

[...] os abaixo assignados e outros antigos Irmãos, nunca deixaram de conservar a devoção para o Glorioso São Benedito, modelo de obediência e de caridade, mantendo o seu culto até agora que puderam tratar da reforma do Compromisso, submetendo, de accordo com o que ficou resolvido em sessão de hoje no consistório da Capella de N. S. dos Remédios, à aprovação de V. Excia. Revma se assim julgar conveniente, prometendo os supplicantes acceitarem toda e qualquer emenda para maior gloria de Deus e bem espiritual dos que se alistarem na Irmandade do glorioso S. Benedito. Os abaixo assignados protestam toda sua obediência às sabias determinações da Egreja Catholica Apostolica Romana<sup>63</sup>.

A exigência da Irmandade de São Benedito em apenas aceitar pessoas que participassem da Igreja Católica leva a pensar que esta tinha receio do avanço de outras manifestações religiosas em Feira de Santana, como as doutrinas protestantes e as religiões de matrizes africanas.

## 2.2 A Irmandade de São Benedito

Como na maioria dos compromissos, o da Irmandade do Glorioso São Benedito, continha uma série de requisitos para entrada dos fieis. Um dos primeiros e essenciais critérios para participar da Irmandade de São Benedito era professar a fé católica, não podendo fazer parte de nenhuma outra religião, como era de praxe dentro das irmandades. Conforme o Compromisso:

Art. 1º A Irmandade de S. Benedito, ereta na Capella de N. S. dos Remédios, na cidade de Feira de Sant'Ana, é uma associação religiosa, composta de numero illimitado de pessoas que professam a Religião Cathólica Apostolica Romana, e em tudo submissa a Auctoridade Diocesana e leis da Egreja <sup>64</sup>.

Ainda que, durante a Colônia e Império no Brasil, era comum entre as Confrarias terem elementos das religiões de matrizes africanas mesclados com doutrinas

<sup>63</sup> Termo Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana de 1903, p. 14, sic.

<sup>64</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana 1903.



da Igreja Católica. “Para muitos estudiosos, elas eram um espaço no qual os negros podiam exercer sua sociabilidade, além de suas práticas religiosas marcadamente africanas, longe dos olhos dos seus vigilantes dos senhores e seus representantes”<sup>65</sup>.

As restrições quanto à admissão de pessoas na Confraria não se encerravam apenas na religião a qual se deveria seguir. Primeiramente, o candidato a irmão deveria ser proposto verbalmente por um membro da confraria ou pedir autorização da mesa “Para ser admitido Irmão deve o candidato requerer à mesa por escripto ou ser proposto verbalmente por qualquer mesário”<sup>66</sup>. No entanto, essas condições não confirmavam a entrada na Irmandade porque ainda havia outros requisitos como “ser de boa conduta moral e viver de alguma profissão, emprego ou indústria perfeitamente lícita, não estando casado somente pelo civil”<sup>67</sup>.

O Termo de Compromisso deixou explicitado que só poderiam ingressar na Irmandade pessoas que pudessem viver decentemente de seu trabalho. E mais, ser casado na Igreja Católica também é um dos critérios deixados bem nítidos pela Irmandade de São Benedito. De acordo com Lessa, “o compromisso funcionava como um mecanismo de exclusão, a partir do momento que estabelecia critérios para a associação, também de inclusão social, quando impunha normas de conduta...”<sup>68</sup>.

As exigências para integrar a Irmandade de São Benedito não se encerravam apenas nesses itens, porque se o candidato proposto fosse aceito pela confraria deveria pagar uma quantia em dinheiro para efetuar a entrada.

O candidato que for aprovado pela mesa, dará a jóia de dez mil réis para o cofre da irmandade, e com o recibo competente passado pelo Irmão Thezoureiro apresentar-se à ao secretário que lavrará o termo de entrada no respectivo livro, assignado com o empossado ou, quando não souber ler nem escrever, alguém a seu rogo<sup>69</sup>.

Tendo analisado o Termo de Compromisso foi possível perceber que a probabilidade de pessoas sem recursos financeiros entrar na irmandade era nula, porque

<sup>65</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de Coroação de Rei congo*. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2006, p. 190

<sup>66</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana 1903, Cap. I p.5.

<sup>67</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana 1903.

<sup>68</sup> LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do Cajado: um estudo sobre a irmandade da Boa Morte em São Gonçalo dos Campos*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2005, p.65.

<sup>69</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana 1903, Cap. III. p.6

além dos dez mil réis na entrada ainda era necessário pagar um valor anual de dois mil réis e contribuir para os atos festivos da irmandade de acordo as suas condições, como era comum nas irmandades. A Irmandade ficava tão atenta a essas questões de pagamento e valores que há um dos itens do documento que se reporta a possibilidade de saída dos associados destacando-se que estes não deveriam ter nenhuma dívida com a associação religiosa “O irmão que por qualquer motivo não mais continuar na Irmandade requererá a mesa a sua exoneração, pagando annuaes que estiver a dever.”<sup>70</sup>.

Mesmo que, a Irmandade de São Benedito tenha tido diversos critérios, relacionados às questões econômicas, para a aceitação de membros a mesma admitia pessoas analfabetas. A participação das mulheres na Irmandade de São Benedito era bem restrita, visto que para conseguir participar era necessário uma autorização prévia do seu responsável “As mulheres casadas e filhas de família devem ter a competente autorização dos maridos, pais ou tutores”<sup>71</sup>, ou seja, mulheres que não tivessem dentro desses critérios que demonstram submissão não poderiam solicitar entrada.

Esses dados que se referem aos valores pagos para admissão na Irmandade de São Benedito me levou a presumir que a maioria dos membros não pertencia a classe dominante de Feira de Santana, e que a maioria eram trabalhadores de ofício. A partir de uma comparação de preços de gêneros alimentícios encontrados no Jornal O Progresso de 1902<sup>72</sup>, tomado como referência, os dez mil réis para entrada em comparação com produtos de consumo sendo visto que, com este valor era possível adquirir: 20 litros de farinha 1400 á 1500, 20 litros de feijão 3\$ á 3\$200, 20 litros de milho 1000 á 1100 carne verde o quilo 680 á 800, toucinho o quilo 800 á 1\$, sal 100 á 120, ovos a dúzia 400 á 500, requeijão o quilo 1600 á 2\$.

Com a comparação feita com o valor dos alimentos pode-se chegar a conclusão que era um valor razoável, no entanto, é relevante destacar que os dez mil réis era pago apenas uma única vez pelos irmãos, contribuindo para que esse valor não se torna-se tão custoso nos rendimentos pessoais dos confrades. É importante destacar também que a contribuição da anuidade era de dois mil réis, de acordo com a análise representativa, este valor era pequeno quando pensado que este equivaleria a todo um ano.

---

<sup>70</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903

<sup>71</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Feira de Santana 1903.

<sup>72</sup> Jornal O Progresso. Feira de Santana, janeiro de 1902, n. 107.

O memorialista Boaventura comparando a composição étnica e social da Irmandade de São Benedito com a da Confraria de Nossa Senhora de Lourdes composta na sua maioria pela aristocracia branca feirense destacava:

O Padre Ovídio de São Boaventura, o Santo Padre Ovídio como o tratam, lança a semente do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes, que conta coma associação das Senhoras de Caridade. Carrega o mesmo aspecto aristocratizante esta associação. Já a Irmandade de São Benedito se compõem mais de pretos de prol, de conceito, artífices de prestígio em plena ascensão social <sup>73</sup>.

Quanto às adjetivações do memorialista Boaventura é importante destacar quando expressa as opiniões quanto a Irmandade de São Benedito enfatizando que esta era composta por homens negros que estavam em busca de uma inclusão e reconhecimento social dentro de uma sociedade pós-escravista. Como afirma o autor, a Irmandade feirense era constituída por trabalhadores de ofício que procuravam espaços na sociedade em Feira de Santana.

Segundo Boaventura, os principais membros da Irmandade de São Benedito, estavam tão satisfeitos com as suas posições dentro da sociedade acreditando que estes não precisavam das idéias e conceitos presentes no *Manifesto Comunista* escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, e sim de espaços para status e reconhecimento social, afirmando que:

Onde está esta gente, que não aparece de novo, para mostrar a operário que discurso avermelhado não resolve? Esta gente ria do Manifesto Comunista. Nunca ouvira falar em Marx e Engels. E mestre Pedro Funileiro, chefe de turma, lá se ia à missa e pronto. Onde essa turma, por onde anda, que não volta para alegrar, para movimentar as manhãs domingueiras do bairro dos Remédios com suas festas solenes? E passavam-se todos os componentes da irmandade com seus balandraus cor de ferrugem, compridos, imponentíssimos, tochas acessas nas mãos calosas de trabalho <sup>74</sup>.

Mais uma vez, o autor evidencia que os integrantes da Irmandade de São Benedito são trabalhadores de artífice e possuem uma profissão quando faz referência ao nome e ao ofício de um dos irmãos e também destaca que estes estavam satisfeitos

<sup>73</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: UFBA.1989.p. 393-394

<sup>74</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana: introdução, pesquisa, organização Maria Eugenia Alves Boaventura. Feira de Santana: UEFS, 2006. p. 33

com a fé católica, portanto não poderiam ser comparados ao que se chamava no período de “vagabundos do Candomblé”.

Silva questiona esse posicionamento preconceituoso de Baomentura, referindo-se talvez a uma conformação dos membros com o status social da Irmandade de São Benedito, não se revoltavam explicitamente com a sua condição de trabalhadores braçais numa sociedade desigual e preconceituosa:

Na concepção euriquiana, os irmãos de São Benedito eram bem sucedidos, que desenvolviam atividades econômicas regulares que lhes garantiam mobilidade na estrutura social feirense. Eram operários negros tão felizes com o progresso capitalista e satisfeitos com a fé católica que Marx e Engels com seu ‘Manifesto comunista’ se apresentariam aos mesmos de forma nula sem eco, impertinentes e risíveis <sup>75</sup>.

A Irmandade de São Benedito previa uma série de deveres aos seus membros dentre eles: manter sempre a moral e a dignidade, enquanto estiver na condição de irmão; ter atos de bondade e caridade para com os seus semelhantes; colaborar financeiramente com as festas e pagar anualmente uma quantia de dois mil réis. Além, das obrigações havia também os direitos a missas e ajuda financeira ao sepultamento de associados que falecessem sem recursos.

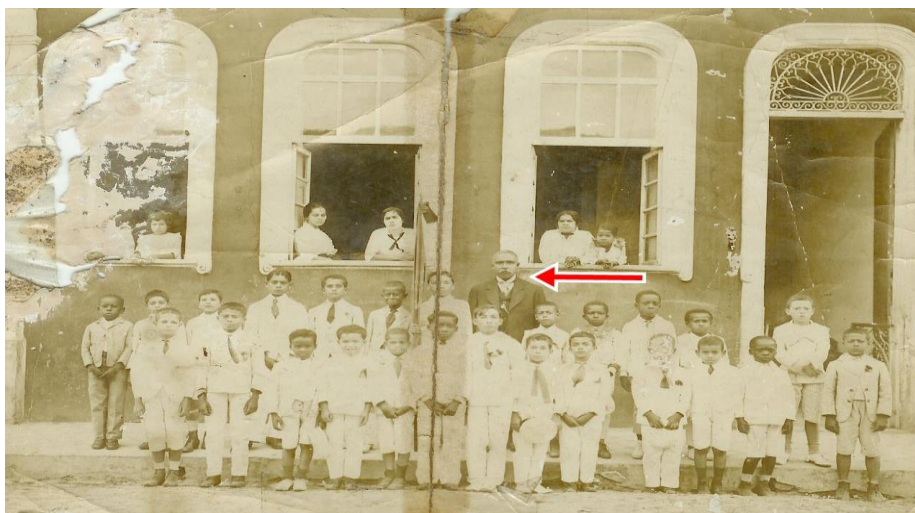
Os cargos que compunham a Irmandade de São Benedito eram: o presidente que tinha como função presidir todas as reuniões da Irmandade; vice- presidente; o tesoureiro era o depositário de todas as imagens e ornamentos da irmandade; o secretário encarregado de lavrar atas, termos e ofícios; o procurador geral era incumbido de procurar jóias e anuais dos irmãos; consultores, mesários e o zelador responsável pelo anseio e limpeza do consistório e altar.

A Ata da Assembléia Geral<sup>76</sup>, de 1904, da Irmandade de São Benedito descreveu uma das eleições para os cargos da confraria, dentre eles o de presidente no qual se candidataram os irmãos: Major Cícero Carneiro da Silva tendo 12 votos, Geminiano Alves Costa 01 voto e Affonso Regis Nascimento 01 voto.

<sup>75</sup>SILVA, Elizete da. “*O Campo Religioso Feirense: um olhar poético*” In: SILVA, Aldo José Morais (org.). História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura. UEFS, 2010, p.133

<sup>76</sup> Ata da Assembléia Geral da Irmandade do Glorioso São Benedito, 1904.

Essa informação se confirma no Jornal Folha do Norte de 1905 <sup>77</sup>, “em sessão realizada no consistorio da Capella de N.S. dos Remédios, a Irmandade de São Benedicto reelege seu presidente o Maj. Cicero Carneiro da Silva”. O porque do Major ter vencido com um quantidade de votos tão superior a de Germiniano Costa, será pelo fato do primeiro ter ocupado altos cargos na cidade? Destacou o Periódico Folha do Norte de 1924 no acontecimento da morte do mesmo, “morre, aos 83 annos, o maj. Cicero Carneiro da Silva, antigo Comerciante de jóias e proprietário. No império, foi vereador e Conselheiro municipal na república” <sup>78</sup>. Por que Germiniano Costa e Affonso Nascimento receberam apenas os seus próprios votos? Será que por ser negro, como se vê na fotografia abaixo<sup>79</sup> em que tem Germiniano, provavelmente entre os anos de 1908 e 1912, no que aparenta ser a fachada de uma escola com a presença de alunos negros e brancos:



Escola do professor Geminiano Alves da Costa

Mesmo Geminiano Alves Costa, sendo um professor o status do Major foi maior, e por qual motivo o jornal não citou e omitiu a presença de Affonso Regis Nascimento na nota se o mesmo teve a mesma quantidade de votos do professor. São aspectos importantes que ainda precisam de maior aprofundamento e busca de outras de outras fontes.

<sup>77</sup> Coluna da vida feirense. Jornal Folha do Norte, Feira de Santana, 26/03/1938, l. 1, p.49.

<sup>78</sup> Coluna da vida feirense. Jornal Folha do Norte, Feira de Santana, 07/05/1938, l. 1, p.56.

<sup>79</sup> Arquivo pessoal de Carlos Mello.

### 2.3 As festas com São Benedito

Um dos momentos mais significativos e que movimentava a vida de todos os irmãos dentro da Irmandade de São Benedito era o dia da festa do patrono. Reginaldo se reportando as irmandades baianas do século XVIII enfatizou: “A festa do padroeiro era a principal atividade das irmandades. Era o momento mais notável de maior mobilização e visibilidade pública dos confrades”<sup>80</sup>. Os detalhes da festa começavam a ser preparados no mês de dezembro, no entanto, o mês de celebração era em abril, e todos esses meses de antecedência era para que tudo saísse impecável. A razão para esse tratamento especial estava relacionado com o fato da festa do patrono, ser o momento no qual a Irmandade se apresentava nas ruas para a população feirense, e a intenção era que todos percebessem a opulência e riqueza da Confraria, e a partir dos festejos tivessem a convicção que a mesma não passava por crises, além de ser uma forma de divulgação e atração de outros confrades.

Na primeira dominga do mes de dezembro se reunirá a mesa para deliberar sobre o modo de celebrar a festa ao Glorioso São Benedicto, padroeiro d’esta Irmandade, festa que deverá ser precedida de um novenário, podendo a Mesa nomear dous juízes e duas juízas da festa e nove mordomos para maior solemnidade das novenas<sup>81</sup>.

A preocupação nos detalhes para a celebração da festa se dava porque o resultado desta iria repercutir em toda a sociedade feirense trazendo bastante prestígio para a Irmandade de São Benedito. De acordo com João José Reis:

A data máxima do calendário das irmandades era a festa do santo de devoção, quando os irmãos e irmãs saíam das confrarias aparatados com suas vestes de gala, capas, tochas, bandeiras, andores, cruzeiros e insígnias em pomposas procissões seguidas de danças e banquetes.<sup>82</sup>

Quanto ao que se refere as vestes dos irmãos de São Benedito o Termo de Compromisso de 1903 se refere a uma roupa de cor rocha “ Os Irmãos d’esta Irmandade usarem de capa roxa de, como já é de costume, devendo cada Irmão mandar faze-la a

<sup>80</sup>REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Campinas, 2005. p. 113.

<sup>81</sup>Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903

<sup>82</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: brasiliense, 1988, p.61.

sua custa”<sup>83</sup>. Entretanto, nos estudos de Eurico Alves Boaventura, durante as primeiras décadas do século XX, destaca-se que as roupas dos irmãos eram cor de ferrugem “E passavam os componentes da Irmandade com os seus balandraus cor de ferrugem, compridos, imponentíssimos”<sup>84</sup>. Segundo o memorialista, o tom das vestimentas dos confrades era marrom, entretanto, o Termo de Compromisso demonstra que “já è de costume” tê-las rocha. Provavelmente, a Irmandade tinha trajes diferentes para diversas ocasiões ou pode ter mudado ao longo das décadas. Os associados da irmandade sempre estavam preocupados em representar perante a sociedade feirense a sua opulência nos momentos das festas e procissões, dessa forma sempre se encontram notas nos jornais feirenses referentes às festas da Confraria de São Benedito:

Com grande pompa será festejado, na matriz dessa freguesia, o Glorioso S. Benedito no dia 22 do corrente. No dia 21 sabbado, ao meio dia começaram os animados festejos aos sons da charanga Lyra bomfinrense, havendo à noite novenas e após, animado leilão com outras diversões populares. No dia 22 às 11 horas entrará a mesa festiva, pregando o evangelho o revm. Vigário daquela freguesia padre José Gomes Loureiro. As 4 horas da tarde subirá a procissão, e ao recolher da qual pregará o padre Tertuliano Carneiro. Encerrará a festa e a benção do S. S. Sacramento<sup>85</sup>.

Nos anos anteriores, o Jornal Folha do Norte também trazia notas sobre a festividade do padroeiro, sempre ressaltando o brilho e a participação da comunidade feirense nos festejos. Conforme o periódico:

Encerraram-se, no sabbado, as novenas que precederam a festa do glorioso S. Benedito, havendo, depois dos exercícios religiosos, animado leilão de prendas na praça dos remédios. No dia imediato esta praça amanheceu ornada de bandeirolas, palmas e arcos. Na Capella de N. S. dos Remédios, recentemente pintada pela Irmandade de São Benedito, ostentava caprichosa ornamentação externa. Às 11 horas cantada a missa festiva, que esteve muito concorrida. Occupou o coro uma boa orquestra<sup>86</sup>.

Para a festa ser opulenta, primeiro, deveria ter uma bela ornamentação no templo, lugar onde tinha origem os preparativos para a festa, e posteriormente iam se arrumando o exterior do templo que não podia deixar de ser regada a uma boa música

<sup>83</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903.

<sup>84</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. In: BOAVENTURA, Maria Eugenia Alves (org.). Feira de Santana: UEFS, 2006, p.33.

<sup>85</sup> JORNAL Folha do Norte. Feira de Santana, 14 de julho 1913, n.174, p. 01.

<sup>86</sup> JORNAL Folha do Norte. Feira de Santana, 4 maio 1912, n.117, p. 2

da orquestra “A cada festa, a Irmandade incumbia-se do anseio interno e externo do templo, bem como da decoração que se estendia à praça e as ruas do percurso das procissões” <sup>87</sup>. O momento da solenidade era o período que a Irmandade de São Benedito tinha para representar, simbolicamente toda a sua riqueza, demonstrava à sociedade em geral, visto que este era o espaço para conquistar reconhecimento, a fim de camuflar a exclusão social e racial.

Outra festa que movimentava muito a cidade de Feira de Santana, e que todos esperavam ansiosos pelo momento de chegada era os festejos da padroeira da Cidade, Nossa Senhora Santana, na qual a Irmandade de São Benedito também participava das comemorações “Reverenciava-se Santana de maneira alegre, ostentando a fé pela ruas da cidade, durante a Festa em sua homenagem. Em torno dessa santa os feirenses brindavam. A religiosidade festeira assolava os quatro cantos da cidade” <sup>88</sup>.

Boaventura destacou, o quanto era importante para os moradores da cidade a festa à Santana:

Andava a cidade inteira de olhos pregados na folhinha, esperando a festa de Santana. Trabalhava-se o ano inteiro, aguardando-se esta quadra festiva. Tudo se marcava de acordo com a data maior da cidade, vivia-se em função desta efeméride. E as mocinhas de economia escabreadas, as senhoras menos abastadas esperavam o ano todo para fazer um vestido melhor para a festa. F. maiúsculo também. Já se sabia que se não falava de outra festa que não fosse a de Santana<sup>89</sup>.

A preocupação com as vestimentas para a festa não se encontrava apenas nas pessoas mais favorecidas, uma vez que pessoas com poder aquisitivo pequeno também tinham cuidados com a roupa que iriam vestir no dia do festejo. Deve-se considerar que essa era uma das poucas oportunidades que, principalmente, as moças tinham para sair de casa, dada as discriminações e recolhimento em que viviam.

O memorialista Lajedinho também se reporta a alguns momentos da festa de Santana com muita alegria:

Os rapazes quase todos de paletó e alguns com gravata, faziam um círculo em volta do coreto deixando o espaço central livre para que moças se mantivessem nadando em volta, entre eles e o coreto.

<sup>87</sup> SILVA, Aldo José Morais. P.57

<sup>88</sup> BATISTA, Silvana Maria. *Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana (1930-1950)*. (Trabalho de especialização). UEFS, 1997. p.48

<sup>89</sup> BOAVENTURA, 2006. Op. Cit. p.26.



Ali estava o momento mais esperado pela moçada: galanteios, lança-perfume nas costas e nos braços, confete e muito sorriso, muita paquera e toda alegria do mundo. Era simplesmente deslumbrante.<sup>90</sup>

A festa de Santana era um espaço onde homens e mulheres faziam a corte, levando muitas vezes a construções de relacionamentos que geralmente terminavam em casamentos, por isso a necessidade de todos e todas estarem bem apresentáveis na festa. Seguindo os padrões da elite feirense.

A Irmandade de São Benedito e outras irmandades também estavam presentes no evento religioso mais importante de Feira de Santana. Conforme Boaventura:

Do alto da janela casa do meu pai, assistimos aos desfilar da procissão. Eram as mesmas beatas de todo o ano em volta da imagem da sua devoção. Operários cor de casca de tamarindo maduro guarneciam São Benedito, Nossa Senhora dos Remédios era um mimo. Encerrando o préstito, antecédida de São Joaquim e São Domingos, orago este da primitiva fazenda, surgia Santana no mar da multidão em ondas policromas <sup>91</sup>.

## 2.4 A morte e o dia de finados na Irmandade de São Benedito

As irmandades sempre davam destaque em seus compromissos à morte, por isso o dia de celebração aos finados era considerado importante. Os membros das confrarias acreditavam que tendo uma boa morte cristã, com todos os rituais necessários, chegariam prontos para o juízo final. Durante o período colonial, os escravos não tinham sepultura digna e fazer parte de uma irmandade era a garantia de um enterro com decência. Segundo Reis:

Todos os irmãos vivos eram obrigados a comparecer às cerimônias fúnebres, aparatados com vestes, velas, tochas e os vários emblemas da irmandade. Esse ritual de solidariedade para com o morto se associava à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia. As confrarias levavam muito a sério esse dever <sup>92</sup>.

A Irmandade feirense de São Benedito também tinha um artigo destinado a missa aos mortos: “A Irmandade fará celebrar anualmente um ofício fúnebre por

<sup>90</sup> LAGEDINHO, Antonio do. *A Feira na década de 30 (memórias)*. Feira de Santana, 2004, (s. Ed.) p. 24

<sup>91</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. In: BOAVENTURA, Maria Eugenia Alves (org.). Feira de Santana: UEFS, 2006, p.28.

<sup>92</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: brasiliense, 1988, p. 144.

todos os Irmãos falecidos e mensalmente uma missa pelos Irmãos vivos e defuntos ao qual assistirão aos irmãos incorporados”<sup>93</sup>.

Souza refere-se, a simbologia que foi criada em torno da morte pelas irmandades negras no período colonial e que persistiram e ainda persistem:

Uma justificativa comumente invocada para a criação de irmandades de “homens pretos” era a de dar um enterro cristão a negros muitas vezes abandonados pelos seus senhores na hora da morte. Dessa forma, as pequenas contribuições pagas ao longo da vida, na forma de anuidades, garantiam um enterro digno para aqueles que muitas vezes, se não contasse com o amparo da irmandade à qual pertenciam, seriam jogados em alguma praia ou mato para serem devorados pelos animais<sup>94</sup>.

Reis se reportando, ao século XIX, destacou que quanto mais cuidadoso fosse os procedimentos do enterro mais digno seria a morte “os irmãos expressam com precisão a concepção de que o tratamento adequado ao cadáver implicava benefícios para a alma, além de serem uma preparação para o Juízo Final”<sup>95</sup>. Considerando que esse cuidado era um fator importante dentro do funcionamento da maioria das agremiações religiosas.

A pompa fúnebre fazia parte da tradição cerimonial das confrarias, formando, ao lado das festas dos santos, importante fonte de seu prestígio. Todas as irmandades se comprometiam a acompanhar solenemente os membros à sepultura...<sup>96</sup>

Conforme Michel Vovelle, os ritos celebrados após a morte ainda era bastante presente, no século XIX, nos países ocidentais “No Ocidente católico, sobretudo, a igreja se manteve como lugar privilegiado para toda uma série de atos relativos à morte e ao além mundo”<sup>97</sup>.

No entanto, Candido da Costa e Silva analisando as cerimônias fúnebres no sertão baiano destaca que estes não são tão pomposos e bastante diferenciados quando

<sup>93</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903

<sup>94</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de Coroação de Rei congo*. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2006, p. 186.

<sup>95</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: brasiliense, 1988, p.148.

<sup>96</sup> Idem, p.144

<sup>97</sup> VOLVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX*. São Paulo: Atica, 1997, p.351.

comparados com as irmandades, visto a ausência destas e do reduzido número de padres:

Aqui não se cogita do rito exequial em latim que ao pároco compete presidir. Nenhuma oração sua à saída da casa, nem a presença no acompanhamento, se quer uma prece à beira da cova, uma exortação aos acompanhantes. O comum é o passo corrido, o gole de cachaça, as tiradas de humor pelo caminho, e enxada e a pá escavando e recobrando com a terra o esquecimento. Nesse, sertão, a morte não se comporta os cortejos pomposos, as eças piramidais, os mausoléus artísticos, a profusão dos sufrágios que o aval executor das irmandades e confrarias assegura com as capelas de missas. Nem os mais abastados escapam a essa penúria<sup>98</sup>.

Segundo Silva, no sertão baiano não havia muitas distinções entre os ritos fúnebres de uma pessoa considerada da elite e outra considerada da classe menos desfavorecidas.

Nas irmandades constituídas por africanos, durante a colônia, os escravizados eram muito preocupados com a representação da morte “Se pensarmos na importância que os funerais tinham nas sociedades africanas, representando o momento no qual o morto passaria do mundo dos vivos para o mundo dos ancestrais e dos espíritos da natureza cercados de rituais especiais...”<sup>99</sup>.

Em dois de novembro, dia de finados, em Feira de Santana era divulgada e mandada celebrar, no Jornal Folha do Norte, pela Irmandade de São Benedito e a Santa Casa de Misericórdia uma missa em respeito aos mortos. “Dia de finados. As missas de nesta cidade obedecerão os seguintes horários Capela dos Remédios, Às 10 horas, mandada celebrar pela Irmandade de S. Benedito”<sup>100</sup>.

As missas de finados também foram registrada por E. A. F. em suas recordações:

Para começo temos “todos os santos”. Em seguida o dia 2-feriado nacional dia consagrado aos “Mortos”. E o celebre dia de finados. Mas acontece que o mês todo é das almas.

Na Capela dos Remedios havia uma missa celebrada pelas almas dos Irmãos de S. Benedito – N. S. dos Remedios – N. S. dos Rosários- devotos de Santo Antonio e bem feitores da Capela<sup>101</sup>.

<sup>98</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte (um estudo do catolicismo no sertão da Bahia)*. São Paulo: Ática, 1982, p.26

<sup>99</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de Coroação de Rei congo*. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2006, p. 186

<sup>100</sup> JORNAL Folha do Norte. Feira de Santana, 01 de novembro 1913, nº 194, p.1.

<sup>101</sup> Caderno de recordações de E. A. F. s/p, 1976.

A Irmandade de São Benedito tinha uma ornamentação toda especial para o dia de finados, que na maioria das vezes, impressionava os fiéis e ficava presente no imaginário da população. “Na sacristia de S. Benedito a Irmandade a guardava um “caixão” estilo “mortuário” para as encomendações nas missas fúnebres. Este era assombração da meninada que apavorava...”<sup>102</sup>. O impacto de ter visto um caixão dentro da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios foi realmente grande para a memorialista, visto que anos depois ao ter escrito o seu caderno de lembranças ainda recordava com angústia o momento em que olhou o esquife:

Que dia meu Deus...

Até hoje não gosto de lembrá-lo quando eu entrava para a missa e dava com aquele caixão coberto de preto, com as velas acesa...

Ficava apavorada: Não queiram saber o medo que eu tinha de defunto.

Naquele tempo, a Morte era respeitada. Homem nenhum passava por uma porta, onde estivessem corpo, que não tirasse o chapéu em sinal de respeito; hoje eles vivem sem chapéu logo, um trabalho a menos.<sup>103</sup>

Mais uma vez é possível perceber o tom de nostalgia pelas modificações dos costumes feirenses, a partir do momento em que a escritora menciona que no passado havia uma reverência aos mortos e no presente não se encontrava mais. Constantemente, ressaltando os pontos positivos do seu período de infância em detrimento dos da sua idade madura.

A agremiação de São Benedito possuía um sino na Capela de Nossa Senhora dos Remédios que de acordo com E. A. F. tinha a função de anunciar a morte.

O sino de Nossa Senhora dos Remédios -suave melodioso – destinava-se a chamar para os atos religiosos e o “Angelo” - o de S. Benedito- suas pancadas eram fortes e plangentes- tocava nos atos da Irmandade e tinha a triste missão de “dobrar” pelos finados. Era ele que anunciava o falecimento dos cristãos pelo seu badalar, com os espaços das batidas, se sabia de quem era o falecimento isto é se homem ou mulher <sup>104</sup>.

Assim era celebrada a morte e o dia de finados em Feira de Santana pela Irmandade do Glorioso São Benedito: solenemente, garantindo aos irmãos os ritos necessários para o percurso final, rumo à glória eterna.

<sup>102</sup> Caderno de recordações de E. A. F. s/p, 1976.

<sup>103</sup> Caderno de recordações de E. A. F. s/p, 1976.

<sup>104</sup> Caderno de recordações de E. A. F. s/p, 1976.

## **CAPÍTULO 3 – O GLORIOSO SÃO BENEDITO: A Conferência**

### **3.1 O Glorioso São Benedito: A Conferência da Sociedade de São Vicente de Paulo**

O culto a São Vicente de Paulo começou na França, por meio de um grupo de amigos que se juntaram para organizar a Sociedade de Vicente de Paulo. “A sociedade de São Vicente de Paulo é uma comunidade cristã espalhada pelo mundo inteiro, fundada em Paris, França, em 1833, por um grupo de jovens leigos e católicos, que se reuniram para criar a primeira Conferência.”<sup>105</sup>. A caridade é considerada o ponto mais importante dentro dos princípios da Sociedade de Vicente de Paulo “A Sociedade serve aqueles que estão em necessidade, qualquer que seja sua relação, o seu meio social ou étnico, o seu estado de saúde, o sexo e as particularidades culturais ou opiniões políticas”<sup>106</sup>.

Segundo Riolando Azzi, a primeira associação feminina da Sociedade de Vicente de Paulo foi fundada em Salvador em 1849:

As associações católicas criadas na época imperial tinham como característica principal oferecer recursos para as congregações femininas que se dedicavam ao atendimento das crianças órfãs, aumentando significativamente no Segundo Reinado em consequência das epidemias de febre amarela, da cólera e da Guerra do Paraguai. A primeira de que tenho notícias foi fundada em Salvador pelo arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, sob o título de Irmandade de São Vicente de Paulo. Embora conservando o tradicional título de Irmandade, tal associação tinha como finalidade específica angariar recursos para a vinda da Finhas de Caridade que se passaram a se ocupar da educação da infância pobre e desvalida e da assistência aos doentes necessitados<sup>107</sup>.

Os objetivos das Conferências vicentinas era o exercício da “vocação dos membros da Sociedade chamados vicentinos é seguir Jesus Cristo servindo aqueles que precisando, e desta forma dar testemunho do seu amor libertador, cheio de ternura e

---

<sup>105</sup> Fé, Esperança, Caridade: Regra da Sociedade de Vicente de Paulo. 2007. p. 16.

<sup>106</sup> Escola de Caridade Antonio Frederico Ozanam da Sociedade de Vicente de Paulo no Brasil. 1998, P.17

<sup>107</sup> AZZI, Riolando. A Sé primacial do de Salvador: a Igreja Católica na Bahia (1551- 2001): Rio de Janeiro, Vozes, 2001. P.78

compaixão”<sup>108</sup>. Todos os preceitos das Conferências estavam alinhados com os valores e princípios do catolicismo romanizado.

As confrarias podem ser divididas em duas categorias as de caridade e as de devoção “Os dois pilares das agremiações religiosas leigas são, tradicionalmente, a devoção e a caridade ou, para usar as palavras de Russel-Wood, “a propagação da doutrina” e “a filantropia social” <sup>109</sup>. De acordo com as fontes pesquisadas, pude verificar que a Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo tem, predominantemente, características de agremiações caritativas.

Com a análise e cruzamentos de fontes foi possível constatar que, no início do século XX coexistiam duas associações devotas a São Benedito, sendo que uma delas a Conferência, associada também a São Vicente de Paulo. A Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo assim como a Irmandade de São Benedito ficava localizada na Igreja dos Remédios. De acordo com os Livros de Atas a associação foi organizada em 1903:

Aos vinte um dias do mez de junho de mil nove centos e trez, na capella de N. S. dos Remédios no consistório de São Benedito (...) o objetivo da presente reunião hera para inaugurar a confraria do glorioso São Benedito.eu João Antonio Maia secretario que escrevi  
assigno 21 de junho de 1903 <sup>110</sup>.

A comparação do Termo de Compromisso com o Livro de Atas da Conferência de São Benedito possibilitou, logo nas primeiras atas, do ano de 1903, evidenciar que os confrades que ocupavam os cargos de presidente e vice- presidente da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo eram diferentes dos nomes que constavam também, no ano de 1903 na Irmandade do Glorioso São Benedito, visto que de acordo com o Compromisso da Irmandade as eleições se davam anualmente:

Foi declarado pelos senhores do conselho particular, que afim da presente reunião hera inaugurar a Confraria do Glorioso S. Benedicto, que o requerimento dos Confrades Honorato Freitas, João Antonio Maia, Antonio Angelo da Matta, lhe foi solicitada a organização da mesma, o que de acordo com o art. 8º 21º do regulamento, fez a seguinte nomeações, sendo presidente

<sup>108</sup> Escola de Caridade Antonio Frederico Ozanam da Sociedade de Vicente de Paulo no Brasil 1998, p.16

<sup>109</sup> SOARES, Marisa de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, 2000, p.166.

<sup>110</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da sociedade de Vicente de Paulo, Ata nº01, 21/06/1903

Honorato Freitas, secretário João Antonio Maia e para Thezoureiro Antonio Angelo da Matta.

É que de acordo com seu mandato de dezoito do corrente mez, considera os confrades nomidados, para occuparem os referidos cargos <sup>111</sup>.

Portanto, não teria como ser uma mesma Irmandade, uma vez que os nomes que constavam nas principais funções eram diferentes. Além disso, confrades que tinham incumbências e cargos na Conferência poderiam ser apenas irmãos na Irmandade, tal como Pedro Nepomuceno que na Conferência era vice-presidente e na Irmandade aparece apenas como Irmão, como foi possível verificar no Termo de Compromisso de 1903:

O Vigario, Moisés Gonsalves do Couto  
 Izidoro Pinheiro da Silva, P. (presidente na Irmandade)  
 Felipe Fernandes Ribeiro, V. P. (vice-presidente Irmandade)  
 Honorato Alves Freitas (presidente na Conferência)  
 Pedro Nepomuceno de Oliveira (vice-presidente na Conferência)  
 João Antonio Maia (secretário na Conferência)  
 Manoel Pinheiro de Miranda (confrade na Conferência) <sup>112</sup>

O confrade Honorato Freitas referido na citação acima, assim como outros confrades, participava das duas Agremiações Religiosas de São Benedito, na ata da Assembléia geral de 1904 era secretário “eu Honorato Freitas, secretário que escrevo e assigno com os demais membros da assembléa” <sup>113</sup>. No entanto, na Conferência permaneceu na condição de presidente durante anos “aos vinte oito dias do mez de junho de mil nove centos e trez na Capella de N. S. dos Remédios, prezente o Sen’r Presidente Honorato Freitas” <sup>114</sup>.

O Livro de Atas da Conferência foi fundamental para direcionar a pesquisa, uma vez que percebendo uma referência e nota de pesar, feita pela Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo, a morte do então Presidente da Irmandade do Glorioso São Benedito, Izidoro Pinheiro da Silva, “na ata de hoje seja escripto um voto de pezar pella morte do prezidente da Irmandade de São Benedito o Senr. Izidoro Pinheiro da Silva de saudoza lembrança” <sup>115</sup>. comparando com o nome

<sup>111</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. Ata nº 01, 21/06/1903

<sup>112</sup> Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de 1903

<sup>113</sup> Ata da Assembléia Geral de 1903 da Irmandade de São Benedito.

<sup>114</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito de Paulo. Ata nº 02, 28/06/1903

<sup>115</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito de Paulo. Ata nº 23, 13/12/1904.

que constava no Termo de Compromisso da Irmandade e das atas da Conferência pude mais uma vez perceber que se tratava na verdade de duas Confrarias de São Benedito.

Os indícios encontrados no Livro de Atas não se encerram por aí, porque a Conferência do Glorioso São Benedito foi convidada pelo seu vice- presidente Pedro Nepomuceno, que era irmão na Irmandade, à assistir uma missa de posse dos cargos da Irmandade do Glorioso São Benedito em 1904:

Compareceram na seção as menores aspirantes que foram propostas, o vice - Presidente Apresentou a medalha de S. Vicente que lhe foi encarregada pela quantia de sete mil réis, e ainda fez um convite verbal a esta conferensa para domingo cete do próximo vindouro, assistir a missa de posse de Prezidente, e novos funcionários da Irmandade de S. Benedito <sup>116</sup>.

A missa de posse dos novos cargos da Irmandade de São Benedito é a mesma da eleição que foi descrita na Ata da Assembléia Geral em 1904, visto que as datas tanto da Conferência, em dez de janeiro de 1904, quanto da Irmandade em seis de janeiro de 1904 são bem próximas:

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e quatro, na Capella de Nossa Senhora dos Remédios, depois do santo sacrificio da missa reunidos os antigos irmãos...  
O Senr Prezidente, depois de feita a leitura do seu compromisso diz que vai proceder a eleição que tem sansão até abril de mil novecentos e cinco de accordo com os artigos do compromisso...<sup>117</sup>

Certamente, foi a posse dessa eleição de 1904 da Irmandade que a Conferência foi convidada para ir. Além, dessas evidências a ata nº 42 trouxe uma contribuição muito relevante sobre a Conferência, uma vez que ainda não tinha conseguido encontrar em nenhuma das fontes dados que possibilitasse uma segurança quanto ao período de existência da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de São Vicente de Paulo. Ainda que, as atas registrassem a data da criação da conferência, como já foi analisado, nesse caso ela poderia ainda ter existido em um outro período em Feira de Santana, tal como ocorreu com a Irmandade de São Benedito que deixou pistas no Termo de Compromisso sobre uma existência anterior na cidade.

<sup>116</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito de Paulo. Ata nº 27, 10/01/1904.

<sup>117</sup> Ata da Assembléia Geral da Irmandade de São Benedito de janeiro de 1904.



[...] neste mesmo sentido o secretario congratulou-se com o prezidente e confrades, por ter completado esta conferência um anno aos seus trabalhos, o vice- prezidente disse tão bem algumas palavras dando parabéns ao prezidente e aos mesmos confrades<sup>118</sup>

Dentre os cargos existentes dentro da Conferência de São Benedito estavam o de presidente o qual ficava responsável por presidir a conferências e suas respectivas reuniões; vice-presidente ocupava o cargo do presidente quando este não pudesse estar presente; o secretário era responsável por redigir as discussões das reuniões nas atas da conferência. Havia também sócio ativo, sócio subscritor, irmã protetora, irmãs subscritoras e aspirantes.

Cada confraria possuía uma administração, dividida hierarquicamente e eleita anualmente, que entre outras coisas responsabilizava-se pela organização da festa do santo de devoção. Os principais cargos eram os juizes, presidentes, provedores e priores, tesoureiros, escrivães, procuradores, consultores, e os irmãos mordomos. Algumas denominações de cargo podiam variar de associação para associação<sup>119</sup>.

Na maioria das reuniões feitas pela Conferência de Benedito sempre eram propostas pessoas para passarem a participar da Confraria os critérios estabelecidos para a entrada eram bem simples: ser propostos por algum dos confrades, se confessar e correr a bolsa, que significa dizer que o irmão escolhido para passar a bolsa tinha um período determinado para recolher dinheiro, e posteriormente entrega-lo à Conferência para ser distribuído nas obras assistenciais da mesma:

Foi apresentado i passou em primeira discursão um projeto pelo confrade Honorato Freitas que qualquer pessoa que queira tomar parte e ser sócio activo desta Conferência logo que for proposto primeiramente se há de confessar e assim como receberá a bolsa pedir em nome de Deus para os pobres de S. Vicente para na semana seguinte toma assente e ser considerado sócio activo desta conferencia<sup>120</sup>.

Foi possível perceber que as normas para ser admitido dentro da Conferência de São Benedito eram mais simples que as da Irmandade de São Benedito, uma vez que

<sup>118</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. Ata nº 42, 19/06/1904

<sup>119</sup> LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do Cajado: um estudo sobre a irmandade da Boa Morte em São Gonçalo dos Campos*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2005, p.66

<sup>120</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. Ata nº 121, 21/08/1906.

não era necessário pagar uma jóia no valor de dez mil réis, não se pagava anuidade, como era de praxe nas irmandades tradicionais, e nem excluía os desempregados.

As Mulheres eram bastantes presentes nos atos e organização da Conferência não foi encontrada nenhuma evidência explícita de discriminação quanto a entrada destas na Confraria. “Foram propostas para subscriptoras a Senrs<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Elizia de Amaral Ramos e Lidia Soares Boaventura ambas propostas pello confrade Demetrio Santos e pello Antonio dos Santos a Senr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Margarida Iscócía dos Santos” <sup>121</sup>.

Era recorrente na análise das atas, mulheres sendo propostas e aceitas para participar da Confraria, até porque elas contribuía financeiramente para a manutenção e obras em pé de igualdade em relação aos homens. No entanto, mesmo com a frequência constante do gênero feminino na Conferência, ainda se apresentavam em número muito reduzido quando comparado ao sexo masculino. “O confrade Andre Avelino Borges recolheo sendo de algumas irmãs protetoras algumas mensalidades sendo seis centos rez remetido pela Senr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Amalia Dias quinhentos reis pela Senr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Alexandrina Dias pela Senr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Magdalena de Jesus quatro centos reis” <sup>122</sup>.

### **3.2 Profissão e residência dos confrades da Conferência**

No documento que constava a profissão dos membros da Conferência, pude perceber o quanto era variada a composição social.

Tabela com a relação das profissões dos membros da Conferência da Sociedade de Vicente de Paulo:

---

<sup>121</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. Ata nº 90, 12/12/1905.

<sup>122</sup> Livro de atas da Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo. Ata nº 52, 30/10/1904.

<b>Profissões</b>	<b>Número</b>
Professor	<b>02</b>
Alfaiate	<b>01</b>
Negociante	<b>02</b>
Proprietário	<b>01</b>
Marceneiro	<b>01</b>
Sapateiro	<b>01</b>
Ganhador	<b>01</b>
Lavrador	<b>28</b>
Tipógrafo	<b>01</b>
Artista	<b>04</b>
Farmacêutico	<b>01</b>
E. Comercial	<b>01</b>
Fugueteiro	<b>01</b>
Sacristão	<b>01</b>

Ata com a relação de membros da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo

Analisando a tabela acima é possível verificar que o maior número de confrades da Conferência era composto por lavradores, evidenciando que número de trabalhadores rurais, em Feira de Santana, ainda era muito grande no início do século, período em que a cidade estava passando por um processo de urbanização. Essa elevada quantidade de pessoas que labutavam no campo demonstra o quanto os aspectos relacionados ao rural são bem presentes na cidade. Oliveira se referindo às modificações do espaço feirense no final do século XIX destacou:

Em uma cidade construída no interior do Estado da Bahia, com sólidas bases rurais, certamente a chegada de tais novidades provocaram conflitos, uma vez que ficaram em choque as duas principais características de Feira de Santana: de um lado o passado rural e do outro fortíssimo incremento do comércio e o conseqüente desenvolvimento urbano <sup>123</sup>.

A cidade com um passado rural que continuou presente no cotidiano da população, principalmente, daqueles que utilizavam a terra para extrair os meios de subsistência, como os confrades feirenses de São Vicente de Paulo. Considerando que muitos desses lavradores foram ex-escravos é importante destacar que muitas vezes

<sup>123</sup>OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. (Dissertação de mestrado). Salvador- Bahia, UFBA, 2000. p.25.

estes adquiriram as suas terras através de compra, ganho ou até mesmo se fixando nas propriedades dos seus ex-senhores para produzir gêneros de subsistência. Segundo Fraga:

A mudança de residência poderia significar penoso recomeço para aqueles que conseguiram acumular alguns bens e “direitos” ao longo da vida cativa. A posse de um animal de montaria ou de criação, ou o usufruto de algum lote de terra para cultivar gêneros de subsistência, faziam muita diferença na vida das famílias que emergiram da escravidão nos engenhos. Para elas, permanecer na propriedade do antigo senhor significou a possibilidade de continuar tendo acesso à terra. Os recursos materiais e simbólicos que puderam acumular ao longo da vida escrava foram importantes fatores de fixação. Por meio deles, os libertos puderam assegurar a sobrevivência e, quem sabe, alimentar esperanças de abrir outras alternativas dentro e fora das localidades em que viviam <sup>124</sup>.

Além das profissões demonstradas na tabela havia mais algumas, entretanto, não consegui compreender o que significava, também verifiquei alguns bairros onde os confrades moraram sendo eles: Sobradinho, Pampalona, Santo Antonio, Pedra do Descanço, Sítio Mathias, São João, Tomba e nesta cidade, provavelmente se referindo ao centro de Feira de Santana.

Nacelice Freitas ao analisar o processo de urbanização da cidade destaca que o Sobradinho é considerado um dos bairros mais antigos, visto que ficava localizado na região de passagem dos vaqueiros e a área do Tomba como sendo o espaço em que se concentrava as camadas populares feirense:

A expansão da zona leste, deve-se principalmente a transferência do Terminal Ferroviário da Praça da Matriz para hoje denominada, atraindo a população que formou esse bairro. A estrada de ferro também influenciou na Formação do Bairro do Tomba ao sul, quando as camadas menos favorecidas da população, margeando a ferrovia que fazia a ligação com São Gonçalo, formou um adensamento populacional. Já ao norte, acompanhando a Estrada da Boiadas estrutura-se o bairro do Sobradinho <sup>125</sup>.

Ainda, a cerca dos bairros mais antigos, de Feira de Santana, Ana Angélica Moraes, no livro organizado com base nas memórias dos estudantes da Universidade Aberta à Terceira Idade, também enfatizou a localização e origem do Sobradinho:

Na parte mais alta da ladeira, de uma das estradas que circulavam as boiadas vindas de outras terras foi construído um pequeno sobrado, e, aos poucos o

<sup>124</sup> FRAGA, Walter Filho. *Encruzilhadas da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia de (1870-1910)*. São Paulo: Unicamp, 2006, p 251.

<sup>125</sup> FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana*. Dissertação. Salvador, 1998. p. 113

local ficou conhecido como Sobradinho. À proporção que eram criadas as ruas e feitas as construções das casas, aquele bairro ficou conhecido como Sobradinho ou Alto do Sobradinho <sup>126</sup>.

No que diz respeito à formação do bairro Tomba, Moraes, também traz contribuições sobre a sua origem:

Na antiga estrada de boiada que passava em frente à fazenda Santana dos Olhos d'água, surgiu um Casarão que foi dividido em Três casas residenciais, tendo em frente um Cruzeiro para a celebração de missas, novenas de Santa Rita. Ao lado do Casarão havia uma vila de casas, tornando o local conhecido como Sete Casas. No ano de 1965, o bairro do Tomba era constituído apenas de duas ruas com pequenas casas e um largo com uma pequena jaqueira <sup>127</sup>.

Portanto, a maioria dos irmãos morava na parte mais rural e periférica da cidade, onde habitavam os empobrecidos, as camadas populares.

### 3.3 Obras filantrópicas da Conferência

A Conferência de São Benedito tinha um caráter mais assistencial de socorro aos desvalidos, denominação dada pelos irmãos para identificar as pessoas carentes, bastante diferente da Irmandade de São Benedito, seriam mais pobres e com menos recursos. Nas atas constam como algumas das obrigações:

Cooperação para o ensino em cino primário nas aulas da conferência [...] fazerem acada mez huma visita aos doentes recolhidos no Hospital da Santa Caza da Misericórdia desta cidade, que nesta occazião será offerecido um óbolo aos emfermos, segundo seos rendimentos <sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> MORAIS, Ana Angelica Vergne de. *Conhecendo Feira: olhares sobre a cidade*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. p.45

<sup>127</sup> Idem. p. 47

<sup>128</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº61, 12/02/05

O Hospital da Santa Casa de Misericórdia foi fundado pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, no século XIX, com a finalidade de atender a população carente de Feira de Santana.

A iniciativa de fundar um hospital, ao que tudo indica, foi motivada pela carência local de uma unidade na qual pudessem ser tratados os pacientes acometidos de patologia tão comuns naquela época em que, principalmente, a mortalidade infantil e as doenças infecto-contagiosas, a exemplo da malária, varíola, sarampo, sífilis, cólera, febre amarela, tifo e tuberculose, dizimavam populações.<sup>129</sup>

Geralmente, eram escolhidos confrades para fazer as visitas aos enfermos “o Presidente convidou aos confrades para domingo vindouro as dez horas depois da missa fazerem a vizita aos duentes da Hospital Santa Caza de Mizericórdia”<sup>130</sup> e também contribuía financeiramente em auxílio aos doentes “os confrades que vizitarão os doentes do hospital da cidade declararam o resultado da sua vizita, e que entre os mesmos doentes foi distribuído pelos confrades a importância de trez mil réis”<sup>131</sup>. Uma vez que a ajuda à população carente feirense também era um dos principais objetivos da Conferência de São Benedito.

Cerqueira, em seu livro acerca da Santa Casa de Misericórdia em Feira de Santana destaca que:

As precárias condições da saúde pública decorriam da conjugação de fatores socioeconômicos e políticos. Até aquele momento o Estado ainda não havia tomado para si a responsabilidade pela assistência e prestação de serviço de saúde a população. Não existia assistência pública, os que podiam buscavam assistência médica privada, ou o auxílio de entendidos ou curandeiros<sup>132</sup>.

Provavelmente, pela falta de comprometimento dos órgãos públicos em fornecer acesso a saúde, por isso, muitas vezes as confrarias assumiam o papel que deveria ser do Estado. As visitas à Santa Casa de Misericórdia eram recorrentes na Conferência, visto que na maioria das atas eram feitas menções sobre a ida ao hospital, é importante destacar que mesmo a Santa Casa de Misericórdia sendo uma confraria composta pela

<sup>129</sup> CERQUEIRA, João Batista de. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana*; Feira de Santana. UEFS, 2007, P.129

<sup>130</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº 124, 11/09/1906

<sup>131</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº125, 18/09/1906

<sup>132</sup> CERQUEIRA, João Batista de. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana*; Feira de Santana. UEFS, 2007, p.130.

elite branca feirense recebia o apoio financeiro da Conferência que era composta na maioria por trabalhadores braçais.

A situação sanitária e de saúde pública da Villa de Feira de Sant`Anna, no século XIX não diferia, em muito, daquela do quadro geral de saúde da população das demais vila da província da Bahia. A maioria dessa população – constituída por negros, mestiços e brancos pobres – era acometida de forma intensa por doenças infecto-contagiosas [...] <sup>133</sup>.

Durante a leitura do Livro de Atas, percebeu-se que eram constantes os atos de caridade para com as pessoas menos desfavorecidas da população feirense. “Tendo occasião de sair angariando esmolas, encontrou pelas ruas, quase em estado de morrer a fome a desvalida Leonidia que a socorre o com a quantia de quinhentos reis.” Os socorridos pela confraria geralmente eram apresentados apenas com os primeiros nomes eram poucos os que tinham todo o nome registrado sendo, portanto, socialmente marginalizados.

Mas, nem sempre os confrades estavam comprometidos com suas obrigações, sendo recorrentes as censuras feitas nas atas, pelo Presidente da Conferência, a fim de que tais atos não voltassem a ocorrer:

[...] e ainda disse que deixava de haver distribuição aos socorridos por não ter comparecido o confrade Manoel Amancio, encarregado da bolsa fez a coleta entre os confrades de quinhentos reis ficando no poder do presidente e por este foi dito que deixou de haver a vizita do Hospital da Santa Caza, por falta do comparecimento dos senhores confrades, o que não deixava de sensurallos <sup>134</sup>.

Semanalmente, na Conferência de São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo, um dos confrades era escolhido, para ficar com a bolsa e recolher dinheiro para ajudar nas obras filantrópicas e também em todas as reuniões era passada a mesma bolsa entre os próprios confrades, com o propósito de distribuir a quantia entre os desvalidos. Quando o caixa da Conferência não tinha dinheiro suficiente ou o número de donativos era pequeno o presidente fazia súplicas e apelos ao patrono, S. Vicente, “o presidente

---

<sup>133</sup> Idem, p.131

<sup>134</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº89.

ainda fez algumas ponderações a fim de não haver esmorecimentos na parte de pedirmos em nome de S. Vicente a fim de socorremos aos necessitados”<sup>135</sup>.

### 3.4 Escola Noturna da Sociedade de Vicente de Paulo

No que se refere à educação formal, a Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo oferecia a alfabetização e o catecismo. A Conferência contribuía financeiramente, juntamente com o município de Feira de Santana, para a Escola Noturna de São Vicente de Paulo.

Na análise da ata nº 42 da Conferência foi possível perceber que o município de Feira de Santana não era pontual na quantia reservada para Escola, sendo a mesma obrigada a recorrer ajuda à Conferência que a negou, visto que também necessitava dar auxílio aos desvalidos.

O secretário Leo um officio vindo do Prezidente do Conselho Particular, acompanhado de uma subscrição, para esta Conferencia auxiliar a Aula Noturna de S. Vicente, visto não ter ainda a municipalidade contribuído como notara, em favor da referida aula o Prezidente submeteo essa resolução ao parecer da conferencia, esta respondeo que em virtude do numero de desvalidos socorridos por esta conferencia não poderia ser aceito essa resolução, ficando o secretario autorizado de responder o officio<sup>136</sup>.

Ao que parece em virtude dos problemas que houve com o município a Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo suspendeu por um período o valor mensal que fornecia à escola como evidencia a ata:

O Conselho Particular por um officio pede a continuação do donativo que fazia esta Conferência em favor da Aula Noturna de S. Vicente de Paulo, nesta mesma dacta mandou se que o thezoureiro continuasse a enviar ao Conselho Particular, três mil réis mensaes en favor dessa aula<sup>137</sup>.

<sup>135</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº48, 21/08/0904.

<sup>136</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº 42, 19/06/1904.

<sup>137</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº 78, 26/09/1905.



Como a Escola de São Vicente de Paulo era uma escola noturna a probabilidade dos alunos trabalharem durante o dia era muito grande e também serem todos adultos. Segundo Sousa as primeiras escolas noturnas foram instituídas na Bahia em 1871:

Em outubro de 1871 foram criadas na Província da Bahia para educação de adultos, diversas escolas noturnas, todas de primeiras letras. O intuito que as instituiu, conforme a *Falla* do presidente da Província, o desembargador João Antonio Araújo de Freitas Henrique, realizada no ano posterior ao ato, possibilitar a freqüência às escolas daqueles que “deixaram de aprender na infância” <sup>138</sup>.

Uma vez que, a Conferência contribuía financeiramente para a escola, muito dos seus confrades participavam das aulas noturnas, com o objetivo de aprender a ler e escrever, ou eram pessoas que não faziam parte e que posteriormente passavam a integrar a Confraria como no caso destes: “O Presidente fez a leitura espiritual e enseguida propoz para aspirantes os allunos da aula de São Vicente: Justo Alves Boaventura, Contantino Santos, Durval dos Santos, João Evangelista dos Santos” <sup>139</sup>.

No ano de 1915, a Escola da Sociedade de Vicente de Paulo tinha quarenta e nove alunos matriculados e trinta que freqüentavam as aulas assiduamente, sendo a mesma dirigida pelo professor negro, Geminiano Alves da Costa, o qual é exaltado pelo seu trabalho na direção por Cincinato Ricardo Ferreira. O que comprova o seu reconhecimento e prestígio profissional dentro da sociedade feirense como demonstra o livro de matrículas da Escola de Pobres da Sociedade de Vicente de Paulo:

Vizitei hoje esta escola dirigida aos pobres dirigida pelo illustre preceptor Germiniano Alves da Costa cuja habilitação justifica o extraordinario adiantamento em que se acham os allunos cujo numero de trinta de frequencia e quarenta e nove de matricula deixam bem claroo attestado de seo desenvolvimento moral tal a ordem e respeito que encontrei, tudo justificando a grandeza profissional do Mestre e dedicado pedagogo que honra a classe do professorado baiano.

Feira de Santana 18 de março  
1915

Cincinato Ricardo Ferreira<sup>140</sup>

<sup>138</sup> SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Escolas do Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006. p. 183

<sup>139</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº 32, 28/02/1904.

<sup>140</sup> Livro de Matrícula da Escola de Pobres da Sociedade de Vicente de Paulo. 1914 a 1930.

É importante ressaltar que de acordo com a identificação que consta no Livro de matrículas da Sociedade de Vicente de Paulo não era uma escola para qualquer grupo social, mas na verdade, para os pobres.

A posição de diretor, de Geminiano Alves da Costa, na Escola Noturna da Sociedade de Vicente de Paulo, provavelmente, influenciou a votação para presidente da Irmandade do Glorioso São Benedito em 1915, na qual o professor vence do major Cicero Carneiro da Silva, sendo este o mesmo com quem havia concorrido ao cargo à presidência a quase uma década atrás.

No consistório da Capella de N.S. dos Remédios procede-se a eleição da nova mesa da Irmandade de S. Benedicto. Para presidente é este o resultado: prof. Germiniano Costa 7 votos, maj. Cicero Carneiro da Silva 3. É proclamado eleito na forma de compromisso, o prof. Germiniano Alves da Costa, o mais velho entre os dois <sup>141</sup>.

Acredito que o cargo de diretor tenha dado a Geminiano Costa um status maior do que tinha, anteriormente, o propiciando vencer no ano de 1915, sendo este, de acordo com o Livro de matrículas da Escola Noturna de São Vicente de Paulo um período em que o professor era bastante exaltado pela sociedade feirense.

A educação era um instrumento da população carente para conseguir reconhecimento dentro da sociedade, uma vez que eram poucas as pessoas com acesso a leitura e a escrita. Sousa analisou que “ Desde a criação das escolas noturnas, no bojo da reforma da instrução pública desde 1870, a preocupação com a formação política do cidadão através da escolarização foi muito importante” <sup>142</sup>.

Disciplinar o negro para o mercado de trabalho era o objetivo e a proposta das classes dominantes, no entanto, essas mesmas estratégias utilizadas pela elite podem ser compreendidas também como estratégia dos afro-descendentes, Além do acesso a leitura e escrita ser uma forma de reconhecimento dentro da sociedade em que estavam inseridos.

Portanto, podemos refletir que a abertura das aulas para adultos não foi apenas uma benesse das elites, nem tampouco apenas parte das estratégias

<sup>141</sup> Coluna da vida feirense. Jornal Folha do Norte, Feira de Santana. 21/05/1938, l. 1, p. 57.

<sup>142</sup> SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Escolas do Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006. p. 183.

destas para instruir, educar e moralizar o miúdo povo, mas também resultado de certas pressões deste povo <sup>143</sup>.

Conforme Leal, no livro sobre Manuel Quirino, professor negro baiano que viveu entre o século XIX e XX, “Generalizou-se a idéia de estender a escolarização às classes artísticas e operárias. Tratava-se de uma necessidade imposta pela política civilizatória que significava modernização e progresso”. <sup>144</sup>

Gonçalves, no seu texto sobre a educação dos negros no Brasil, discutiu qual seria a participação das associações religiosas, principalmente no século XVIII, dentro do processo educacional e destacou:

Saltemos, assim para uma segunda hipótese aparentemente plausível, uma vez que ela nos remete a sólidas associações religiosas cujos traços podem ser recuperados no século XVIII: são as irmandades de negros católicos. Teriam elas exercido algum papel na educação dos negros brasileiros? Tal hipótese foi amplamente difundida no Brasil em 1988, por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura, momento em que teólogos e agentes pastorais negros buscavam recuperar o papel evangelizador da Igreja Católica e sua ação na defesa dos oprimidos. Mas essas idéias como muitas outras, precisam ser relativizadas e contextualizadas para que possa de fato, avaliar seu potencial explicativo <sup>145</sup>.

No que se refere à Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo, acredito que ela realmente exerceu participação na educação dos negros feirenses, visto que muitos dos confrades, da mesma, participavam da escola. A instituição representava para estes um espaço de sociabilidade dentro da sociedade feirense, uma vez que não eram todos que tinham acesso a educação, no início do século XX, e ter essa instrução simbolizava prestígio para ex-escravos e seus descendentes.

Além da escola de alfabetização foi também montada uma escola de Ensino Religioso “o presidente declarou que esta conferencia de hora em diante encarregava-se de uma aula de Catesismo admistrada por elle, e que pedia frequencia dos alumnos” <sup>146</sup> na qual se passou a dar aulas de catequese para crianças “o confrade Honorato Freitas

<sup>143</sup> SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Escolas do Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006. p. 18 4.

<sup>144</sup> LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Quirino: entre letras e lutas. Bahia(1851-1923)*. São Paulo: Annablume, 2009, P. 359.

<sup>145</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Instrução elementar no século XIX*. In: LOPES, Eliane Marta et al (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.P. 328

<sup>146</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº61 12/02/1905.

fez a leitura espiritual em seguida declarou que por causa dos exercícius da quaresma haviaio paralizados os do catessismo porém que de hora em diate continuarião o catessismo”<sup>147</sup>. Manter aulas de catequese para as crianças nesse período representava métodos para expandir as doutrinas católicas visto que as crianças estavam em processo de formação.

A prática catequética faz parte da vida das confissões religiosas quando elas se sustentam na transmissão de seus princípios de fé da vida das confissões, de suas doutrinas e dogmas. Ao longo da História do Cristianismo, primeiro no âmbito católico e, posteriormente, no âmbito das Igrejas reformadas, a estratégia proselitista fez transcender para fora das comunidades religiosas suas catequeses.<sup>148</sup>

A catequese se caracterizava em instruir as crianças de acordo com os dogmas cristãos da época “a evangelização e a catequização desta população foi de alguma maneira uma espécie de ensino religioso, de educação e formação religiosa de acordo com os princípios da moral e de doutrina católica”<sup>149</sup> a citação se refere a colonização dos indígenas, mas os objetivos catequéticos da Igreja Católica continuaram e continuam.

O batismo de crianças também era feito pela Conferencia vicentina sendo encontrada nas atas até mesmo uma referência ao batismo de uma criança que segundo um dos confrades era filha de protestante “Amaro Ferreira de Almêda pedio para ser baptizado uma criança por intermédio desta confraria cuja criança hé filha de um protestante.”<sup>150</sup>.

Os batismos eram recorrentes dentro da Conferência, como foi possível evidenciar na ata nº 9 que se refere a providências que foram tomadas com a finalidade de batizar algumas crianças, dentre as quais provavelmente estava inclusa a criança filha de protestante:

O Prezidente ainda fez algumas declarações sobre as obrigações dos confrades, e declarou que havia dado providencia sobre o baptismo das crianças pagãos que fourão denunciadas por esta Confraria, e que os

<sup>147</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº67, 30/04/1905.

<sup>148</sup> PASSOS, João Décio. “*Ensino religioso: meditações epistemológicas e finalidades pedagógicas*”. In: Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual: Mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas.

<sup>149</sup> RAQUETAL, Cesar A. Junior. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano I. Ed. 01. Fev. 2007.

<sup>150</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº07, 09/08/1903

confrades denunciante apresentassem as referidas crianças ao Vigário da Freguesia, afim de serem batizadas<sup>151</sup>.

Em 1903, ainda não havia igrejas protestantes organizadas em Feira de Santana, mas existia a presença de missionários presbiterianos norte-americanos na cidade, os quais estabeleceram um colégio numa chácara no atual centro da cidade. “A Igreja Presbiteriana do Brasil, foco deste trabalho, só estabeleceu uma congregação em Feira de Santana na segunda metade do século passado, porém o esforço evangelístico foi promovido desde o final do século XIX”<sup>152</sup>.

A Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo foi um espaço em que a população negra feirense foi em busca de educação formal e reconhecimento social dentro da sociedade feirense carregada de preconceito contra os afro-descendentes. Foi um instrumento de sociabilidade e ao mesmo tempo de mobilidade social para os segmentos pobres da sociedade feirense.

---

<sup>151</sup> Livro de atas da Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo Ata nº 9, 23/08/1903

<sup>152</sup>SILVA, Elizete da. Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010. P. 167.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como ter definições conclusivas sobre os meus objetos de estudo, visto que novas fontes vão surgindo, constantemente, e muitas vezes podem mudar o rumo das investigações.

Com a pesquisa sobre a Irmandade negra de São Benedito descobri que em Feira de Santana coexistiram, a partir de 1903 duas Confrarias de São Benedito na cidade, e não apenas uma como eu pensava. Dessa forma, as fontes me possibilitaram perceber as diferenças e semelhanças entre elas sendo que caso não tivesse ido em busca de novos documentos talvez poderia ter tido resultados equivocados.

Lendo as fontes percebi que as duas Associações religiosas de São Benedito se apresentavam enquanto espaço de sociabilidade para os seus membros, em Feira de Santana, embora ambas demonstrasse de forma diferente.

Para a Irmandade do Glorioso São Benedito o momento em que tinha maior contato com a população era nos eventos durante a festa de Santana e a festa do patrono da confraria. Ficava evidente para a sociedade feirense a participação da confraria nas principais festas que movimentavam bastante o cotidiano da cidade. No que se refere a participação da sociedade feirense, como um todo, as festas e a missa de finados eram os únicos locais nos quais havia um contato maior com as pessoas que não eram membros da agremiação, visto que tinha um caráter restritivo de assistência a apenas os seus membros e continha uma série de exigências para entrada de novos sócios. Além da preocupação que tinham quanto a uma morte digna. O acesso as fontes me possibilitaram evidenciar que a Irmandade de São Benedito, como a maioria das irmandades de devoção e este santo, eram compostas por negros trabalhadores, que tinham meios para se manter através dos seus ofícios, uma vez que deveria pagar uma quantia razoável na entrada e uma anuidade, e que estavam em busca de reconhecimento dentro da sociedade feirense.

A Conferência do Glorioso São Benedito da Sociedade de Vicente de Paulo tinha um caráter mais filantrópico no seu Livro de atas existem referências a ajuda de qualquer pessoa sendo ela membro da Confraria ou não. São inúmeras as doações de dinheiro aos desvalidos além também do socorro espiritual. As exigências para fazer

parte da associação era bem pequena dando a possibilidade para quem desejasse entrar, talvez por isso tenha sido encontrado um grande número de lavradores e de outras profissões que as pessoas mais simples tinham acesso. Um fator muito importante dentro da Conferência era a promoção da alfabetização dos seus irmãos e também para os feirenses que desejassem, propiciando assim um status e uma mobilidade social visto que eram poucas as pessoas as quais tinham acesso à leitura e escrita.

No entanto, não foi possível mapear se os membros das confrarias eram ex-escravos. Quais as suas origens? Visto que o período em estudo era bem próximo do pós-abolição. As pesquisas futuras trarão novas informações.

Desejo que a pesquisa contribua com os estudos sobre Feira de Santana e como diria a memorialista E. A. F. que citei durante este trabalho monográfico que o mesmo possibilite as pessoas, conhecerem um pouco mais sobre o passado feirense e que este não fique esquecido nos alfarrabios do tempo:

Tabem houve grande desenterece em si guardar, os documentos da cidade se é que existiram feirenses já não existem. Há uns pungados por ai [...]

Vamos remecher os alfarrapos (sic) do tempo, e ver se conseguimos encontrar, algo que nos ajude escrever alguma coisa para quem desejar conhecer o nosso passado.

Sendo essas algumas das considerações que pude chegar ao longo da produção da monografia.

# REFERÊNCIAS

## 1. FONTES

### 1.1 Fontes manuscritas

Livros de atas da Conferência do Glorioso São Benedito Sociedade de Vicente de Paulo de 1903 a 1907,

Ata da Assembléia Geral da Irmandade do Glorioso São Benedito em 1903

Caderno de memórias de E. A. F

O livro de matrícula dos alunos da Escola Noturna da Sociedade de Vicente de Paulo de 1914 a 1930.

### 1.2 Fontes impressas:

Os livro de memórias de Eurico Alves Boaventura, *A paisagem urbana e o homem:*

*memórias de Feira de Santana e Fidalgos e vaqueiros.*

O Jornal Folha do Norte

### 1.3 Fonte iconográfica:

Escola do Professor Geminiano Costa.

## 2. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marta. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira: São Paulo: Fapesb, 1999.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Salvador: Editora Progresso, 1955.

AZZI, Riolando. *A Sé primacial do de Salvador: a Igreja Católica na Bahia (1551- 2001)*: Rio de Janeiro, Vozes, 2001.

BATISTA, Silvana Maria. *Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana (1930-1950)*. (Trabalho de especialização). UEFS, 1997.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder. (Irmandades dos leigos e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo: Ática, 1986.



BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: perspectiva, 1974.

CERQUEIRA, João Batista de. *Assistência e caridade: a história da Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana*; Feira de Santana. UEFS, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2002.

**Escola de Caridade Antonio Frederico Ozanam da Sociedade de Vicente de Paulo no Brasil**. 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Instrução elementar no século XIX*. In: LOPES, Eliane Marta et al (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

**Fé, Esperança, Caridade: Regra da Sociedade de Vicente de Paulo**. 2007.

FRAGA, Walter Filho. *Encruzilhadas da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia de (1870-1910)*. São Paulo: Unicamp, 2006.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana*. Dissertação. Salvador, 1998.

HOORNARET, Eduardo. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes. 1977.

HOORNARET, Eduardo. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes. 1977.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Quirino: entre letras e lutas. Bahia(1851-1923)*. São Paulo: Annablume, 2009.

LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do Cajado: um estudo sobre a irmandade da Boa Morte em São Gonçalo dos Campos*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2005.

MORAIS, Cledson Jose Ponce. *A Igreja Nossa Senhora dos Remédios: 300 anos de história, fé e devoção*. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2005.

OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana. *“Ruas retas, lugares esquecidos: Eurico Alves e a urbanização de Feira de Santana (1920-1932)”*. In: SILVA, Aldo José Moraes (org.). *História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura*. UEFS, 2010.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. (Dissertação de mestrado). Salvador- Bahia, UFBA, 2000.

- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)* dissertação de mestrado: UFBA. 2004.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura, e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Rio de Janeiro, vozes, 1985.
- PASSOS, João Décio. “*Ensino religioso: meditações epistemológicas e finalidades pedagógicas*”. In: Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual: Mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas.
- PINTO, Tânia Maria de Jesus. *Os negros cristãos católicos e o culto aos santos na Bahia colonial*. (Dissertação de mestrado). Salvador-Ba, 2000.
- QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência. São Paulo (1870-1890)*. São Paulo: Annablume, 2002.
- RAQUETAL, Cesar A. Junior. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano I. Ed. 01. Fev. 2007
- REGINALDO, LUCILENE. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Campinas, 2005.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: brasiliense, 1988.
- ROHRBACHER, Padre. *Vidas dos santos*. Vol. VI, São Paulo. Editora Américas, 1959.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: editora universidade de Brasília, 1981.
- SANTOS, dos Reis Grazielle. *Lugares de Memória em Feira de Santana: notas sobre Eurico Alves*. In: SILVA, Aldo José Moraes (org.). História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura. UEFS, 2010.
- SANTOS, Elane Ribeiro dos. *Espíritas e Batistas em Feira de Santana (1940-1980)*. Relatório Final PIBIC. 2010.
- SCHARCTZ, Lilian M. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituição e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1985.
- SENNA, Ronaldo Salles. *Feira de Encantados. Uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana: Construções simbólicas e ressignificações*.UEFS, 2008.

SILVA, Aldo José Moraes. *Terra de São Natureza: A construção do ideal de cidade Saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. (Trabalho de especialização) Feira de Santana, 1997.

SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte (um estudo do catolicismo no sertão da Bahia)*. São Paulo: Ática, 1982,

SILVA, Elizete da Silva. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira* (Trabalho de Professor pleno). Feira de Santana. 2007.

SILVA, Elizete da. *“O Campo Religioso Feirense: um olhar poético”* In: SILVA, Aldo José Moraes (org.). *História, Poesia e Sertão: Diálogo com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana: UEFS, 2010.

SILVA, Elizete da. **Protestantismo Ecumênico e realidade Brasileira: Evangélicos Progressistas em Feira de Santana**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010. P. 167.

SILVEIRA, Renato. *Formas de Crer. “sobre o exclusivismo e outros ismos das irmandades negras na Bahia Colonial”*. In: BELLINI, Ligia. SOUZA, Everton Sales. SAMPAIO, Gabriela dos Reis (orgs.). *Edufba: Corrupio*, 2006.

SOARES, Marisa de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, 2000.

SOUSA, Ione Celeste de. *Escolarização, Infância e “cor” nas aulas públicas: Bahia de 1840-1890. II Congresso Baiano de Pesquisadores Negros*.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Escolas do Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de Coroação de Rei congo*. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2006.

TELES, Adriana Silva. *Presença negra na festa de Santana (1930-1950)*. Trabalho de monografia. Feira de Santana. 2000.

VOLVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história: Fantasma e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX*. São Paulo: Atica, 1997.